

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

nov-dez de 2013



**Retrato de
um líder, p. 15**

**Quem foi
Júnias?, p. 21**

**A Reforma e o princípio
*Sola Scriptura***

Exemplar avulso: R\$ 11,30





O mendigo e o rei

Hoje, lembrei-me de que sou pastor. Necessitava ouvir um pastor, alguém que entendesse minha situação e não me obrigasse a ouvir o que eu não queria, mas o que necessitava ouvir. Confesso que, inicialmente, sua resposta não me agradou. “Não parece justo”, eu protestava silenciosamente, enquanto aquele pastor me aconselhava. Eu estava convencido de que minha queixa era bem fundamentada, que não pedia nada fora do normal. Simplesmente reivindicava melhor tratamento. Consideração – essa é a palavra que melhor definia meu pedido.

De fato, eu estava furioso. Sentado, com braços cruzados, olhava fixamente um pastor que, em resumo, simplesmente me dizia: “Não acredito que você esteja reclamando direitos.” Pelo menos foi o que inferi de suas palavras.

A situação era a seguinte: Eu sentia que todos os demais eram mais bem tratados do que eu. Sempre me sentia prejudicado e, por isso, estava perdendo o respeito pelos demais. “Não é possível que isso esteja ocorrendo e ninguém pode fazer nada para reverter a situação, ou me dar o que mereço, de acordo com os regulamentos!”, eu pensava. Será que isso acontecia porque eu ainda era aspirante ao ministério? Era assim que devia ser tratado um aspirante? Por que minha escala salarial era baixa? Por que não me informaram isso, quando eu ainda estava no seminário? Não seria melhor que tudo tivesse ficado claro desde aquela época?

Então, meu conselheiro relatou a história do mendigo e o rei. Segundo essa história, o rei levou um mendigo para viver no palácio com todos os privilégios e honras: trabalho, comida, vestuário, cargos e outras coisas. Certo dia, alguém disse ao rei que o mendigo estaria planejando matá-lo. O rei não acreditou, porém seguiu o mendigo até o lugar em que este estaria tramando o assassinato. Entretanto, surpreendeu-se, ao encontrar o mendigo em uma tétrica e miserável cova, vestindo roupas sujas e cercado e objetos de valor insignificante. “Diga-me”,

perguntou o rei, “como você pretende me matar? Com quem você está planejando isso?” O mendigo respondeu: “Isso não é correto, majestade. Venho aqui todos os dias, para não esquecer minhas raízes, minhas origens.”

Ao ouvir esse relato, meu coração quebrou-se. Descruzei os braços, senti-me humilhado, baixei os olhos e disse: “Muito obrigado, pastor!” Lembrei-me de que sou pastor. Quando decidi servir a Deus, vim apenas com um sentimento: “Eis-me aqui. Envia-me!” Em que ponto da minha jornada pastoral eu me esqueci desse propósito? Jamais havia pensado antes no que receberia em troca do serviço prestado a Deus em Sua causa. Longe estive de mim pensar nos “direitos” (na verdade, nem

os conhecia). Tudo o que desejava era cada vez mais conhecer meus deveres de missionário na causa de Deus.

Porém, qual seria o motivo de eu estar escrevendo sobre esta minha experiência? Simplesmente porque me lembrei de que sou missionário, sou pas-

tor. Lembrei-me porque estava esquecendo. Como num piscar de olhos, despertei-me para o fato de que, sem perceber, eu estava perdendo o primeiro amor. Graças à ajuda de um pastor que se dispôs a me ouvir e orar comigo, tudo ficou claro.

Peço que Deus não me permita, jamais, desviar do verdadeiro propósito para o qual fui chamado. Quero ser um pastor “segundo o coração de Deus” (Jr 3:15). Um pastor que esteja sempre aos pés do Pastor dos pastores, Jesus Cristo, o Bom Pastor (Jo 10:11). Que o passar do tempo não me converta em pastor infiel (Ez 34:2-11).

Já se passaram quase dois anos desde o diálogo daquele dia. Sou extremamente feliz em servir a Deus! Todos nós sabemos que, em nossa jornada pastoral, pode haver momentos em que venhamos a nos sentir desvalorizados ou ignorados. Porém, jamais devemos nos esquecer de que fomos chamados para realizar, pela graça de Deus, um trabalho especial para Ele. O mais importante nessa vocação é agradecer ao supremo Pastor. ▀

“O pastor jamais deve se desviar do verdadeiro propósito para o qual foi chamado”

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos Santos

Fotos:

Capa - © Georgio Kollidas

Editor - Daniel Oliveira

Autores - cortesia e *Ministry*

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Rafael Rossi;

Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Carlos Sanchez; Daniel Marin; Edilson Valiante; Eliézer Júnior; Eufrazio Quispe; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú Caetano; Jim Galvão; Leonino Santiago; Salomón Arana.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaemministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 54,90

Exemplar Avulso: R\$ 11,30



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.



Autoridade suprema

Assistindo a um programa de televisão numa emissora católica, vi quando o apresentador respondeu a uma telespectadora cuja pergunta dizia respeito a Maria: “Por que a igreja católica exalta a mãe de Jesus, colocando-a em um pedestal quase divino, se não há fundamento bíblico para tanto?” A consulente esclareceu que havia pesquisado a Bíblia e nada encontrara nesse sentido. Em tom enfático, o apresentador explicou que não havia necessidade da Bíblia para fundamentar a ideia em discussão, assim como não há necessidade dela para o estabelecimento de muitos outros conceitos. Estando alguém diante de um impasse doutrinário ou prática eclesial para os quais, aparentemente, a Bíblia não tenha respostas, mas tenham o aval da tradição da igreja, esse alguém deve seguir a tradição. Nesse caso, ela é superior às Escrituras, decretou o apresentador, com argumentos cujos detalhes este espaço não permite analisar.

Evidentemente, o fato não se constitui novidade. Esse conceito esteve no âmago do conflito entre o monge Martinho Lutero e sua antiga denominação, e foi combatido pelo princípio *Sola Scriptura*, que exalta a suprema autoridade da Escritura, enfatizando-a com sua própria intérprete, à parte da autoridade humana. Graças a Deus, para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, somente as Escrituras são a “norma do caráter, o revelador das doutrinas, a pedra de toque da experiência religiosa” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 7).

A propósito disso, nesta edição de *Ministério*, o doutor Kwabena Donkor analisa interessantes aspectos do caminho trilhado por Lutero em direção ao estabelecimento dessa divisa. Além desse artigo, outros, a exemplo dos de Stéphane Beaulieu, Nancy Vyhmeister, Humberto Rasi e Jack Blanco, oferecem subsídios bíblicos para enriquecimento da nossa pregação, além de ampliar a visão sobre questões teológicas, sociais e doutrinárias.

Louvamos a Deus pelo privilégio de, como igreja, podermos nos identificar com esta afirmação: “Mas Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas. As opiniões de homens ilustrados, as deduções da ciência, os credos ou decisões dos concílios eclesialísticos, tão numerosos e discordantes como são as igrejas que representam, a voz da maioria – nenhuma dessas coisas, nem todas em conjunto, deveriam considerar-se como prova em favor ou contra qualquer ponto de fé religiosa. Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir em seu apoio um claro – ‘assim diz o Senhor’” (Ibid., p. 595).

Contudo, não é exaustivo afirmar que esse privilégio nos impõe a sagrada responsabilidade pela manutenção do fundamento de nossa fé, repelindo firmemente toda e qualquer ideia que o ameace. ▀

Zinaldo A. Santos

10 A VOZ DOS PROFETAS

Por que e como pregar sobre o Antigo Testamento.

13 O EXEMPLO DE UM FILÓSOFO

Lições da vida de Justino Mártir.

15 RETRATO DE UM LÍDER

Aprenda a agir independentemente das circunstâncias desfavoráveis.

17 A REFORMA E O PRINCÍPIO *SOLA SCRIPTURA*

Quais foram os objetivos e as motivações dos reformadores na defesa da Bíblia.



© Brian Jackson | Fotolia

21 QUEM FOI JÚNIAS?

Uma identidade em discussão.

24 A BÍBLIA, A ECOSFERA E NÓS

Fundamentos bíblicos para a ecologia.

28 "QUE NINGUÉM OS ENGANE"

O que envolve a correta compreensão sobre a vinda de Jesus.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

“O maior inimigo da igreja destes últimos dias não é o mundanismo, mas a indolência. Deus nos chama para fazer alguma coisa. Ação é mais importante que discursos, gráficos, ideias, opiniões, palavras e desejos.” – Roger Hernandez

A “primeira família” e seus desafios



Divulgação AG

“Ter vida familiar relativamente saudável requer esforço, intencionalidade e dependência do Altíssimo. Nunca devemos nos esquecer de que Deus prometeu estar conosco até o fim dos tempos, dando-nos Sua paz e suprimindo todas as nossas necessidades”

por Willie E. Hucks III

O casal Willie e Elaine Oliver dirige o Ministério da Família na Associação Geral da Igreja Adventista, em Silver Spring, Estados Unidos. O pastor Willie é PhD em Sociologia da Família e mestre em Aconselhamento Pastoral e Sociologia.

Antes de ser nomeado para a função que atualmente ocupa, ele pastoreou igrejas em Nova York, foi professor na Universidade Andrews e liderou departamentos na Associação Grande Nova York, na União do Atlântico e na Divisão Norte-Americana.

Elaine tem mestrado em Aconselhamento Psicológico, Educação, bacharelado em Administração de Empresas e, atualmente cursa o doutorado em Psicologia. Anteriormente, ela trabalhou como administradora em uma universidade bem como em

consultoria familiar na Divisão Norte-Americana. Casados há 28 anos, ambos têm realizado seminários e palestras em várias partes do mundo, além de participar em programas de televisão e escrever artigos. Eles têm dois filhos: Jéssica e Julian.

Em seu escritório na sede da Associação Geral, o casal deu a seguinte entrevista, na qual falou a respeito de temas relacionados à vida familiar do pastor, programa de trabalho e recursos disponíveis para o andamento do ministério que realizam.

“Como casal pastoral, devemos compreender que somos humanos e sujeitos às incompatibilidades. Mas a graça de Deus deve ser suplicada, para que o equilíbrio seja mantido no casamento”

Ministério: *Que tipos de desafios são peculiares à família pastoral?*

Willie: Temos que admitir que não existem famílias perfeitas porque não existem pessoas perfeitas. Ainda que nos esforcemos para construir relacionamentos saudáveis, permanece o desafio porque somos falhos e essas falhas dificultam a manutenção desses relacionamentos. Apesar disso, é possível desfrutar vida familiar saudável. A família pastoral é semelhante às outras famílias, mas tem a pressão adicional de estar em evidência e sob constante escrutínio. Os membros da igreja instintivamente tendem a olhar a família do pastor como modelo de comportamento cristão. Sendo que ninguém é perfeito, as deficiências nesse caso são ampliadas, simplesmente porque é a “primeira família” da igreja. Esse fardo multiplica a pressão sobre os filhos e o casal, que lutam para corresponder às expectativas, ou alimentar ressentimentos por causa do estresse. Nos

adolescentes isso frequentemente se manifesta por meio de comportamento rebelde e desrespeito para com as normas e os valores cristãos.

Ministério: *Que lições de sua experiência, como pais, podem ser úteis para outros pastores, no trato com os filhos?*

Elaine: A pressão para ter filhos perfeitos é muito perigosa. Às vezes essa pressão vem de nossas expectativas; outras vezes, das expectativas da congregação e outras influências externas. A verdade é que os filhos do pastor são seres humanos e cometerão erros. A saída é amarmos incondicionalmente nossos filhos, transmitindo a eles nossos valores espirituais durante os cultos familiares, gastando com eles tempo diário (mesmo que seja pouco). Se criamos para eles um ambiente de confiança e segurança, nossos filhos terão mais boa vontade em nos falar de suas lutas espirituais, como parte normal de seu desenvolvimento.

Ministério: *Existem famílias formadas depois da morte de um cônjuge ou até por separação. Há recursos para essas famílias?*

Elaine: Embora seja verdade que há um ideal a ser alcançado, parte do nosso trabalho é desenvolver recursos que falem aos vários tipos de famílias que encontramos hoje na sociedade e na igreja. A boa comunicação em famílias onde pai e mãe estejam presentes não é diferente daquela em que há somente um deles. Portanto, todo ministério relevante e significativo às famílias deve tratar os problemas de todas as famílias da igreja, que, em muitos casos, refletem as famílias da população em geral. Mas não há uma forma única de ministrar às famílias. Assim, tentamos desenvolver recursos que tratem de necessidades específicas das famílias em geral.

Ministério: *Como os pastores devem ministrar aos adultos solteiros da igreja?*

Willie: Geralmente temos uma noção holística de família. De nossa perspectiva, uma família pode ser nuclear (pai, mãe e filhos; pais separados e filhos), ampliada (mais de uma geração sob o mesmo abrigo), nova família (pais/padrastos e filhos/enteados). E ainda existem os divorciados, adultos que não se casaram, viúvos e viúvas a quem temos a tendência de esquecer. O ministério pastoral deve se preocupar com todos os tipos de família. O pastor deve estar bem informado sobre as necessidades dos adultos solteiros da igreja, organizar um ministério que trabalhe junto a ele no atendimento desse grupo. Apoiar, fomentar amizade e envolvê-los nas atividades da igreja é fundamental à vida da igreja.

Ministério: *O que a igreja e os pastores podem fazer para educar os membros a respeito do abuso infantil e para causar impacto positivo em comunidades vítimas desse horror?*

Elaine: Se há crianças em nossas congregações, há também grande possibilidade de que pelo menos uma delas venha a sofrer abuso. Toda igreja necessita estar segura de que tem políticas postas em ação no sentido de proteger as crianças, especialmente quando elas estão na igreja ou participando de eventos relacionados à igreja. Como cristãos, vemos as crianças como valiosos presentes de Deus e temos a responsabilidade de protegê-las, cuidar delas e garantir seu desenvolvimento e crescimento em Cristo. Cada igreja deve ter estabelecido o ministério da família, cujas atividades incluem a educação dos pais. O objetivo da paternidade e da maternidade é nutrir os filhos, de modo que eles cresçam em seu potencial pleno em Cristo. Disciplina, que é uma palavra derivada da raiz do termo disciplinado, deve ser a motivação no trato dos pais com seus filhos, em vez de punição.

A disciplina tem como alvo ensinar e orientar, enquanto punição tem como objetivo castigar, ferir e dominar crianças. Os pastores devem ser cuidadosos em treinar membros da igreja e pais nas respectivas congregações para valorizar os filhos. Entre os temas dos seus sermões deve estar incluído o cuidado de Deus pelas crianças.

Ministério: *Como pastores e anciãos podem obter os recursos disponibilizados pelo Ministério da Família da Associação Geral?*

Willie: Cada ano, nosso departamento desenvolve um manual chamado *Family Ministries Planbook*, que contém sermões, seminários e outros recursos para facilitar o trabalho com as famílias nas congregações. Com o passar dos anos, temos desenvolvido muitos outros materiais de fortalecimento da família que podem ser obtidos através do site www.adventsource.org, clicando no ícone *Store* e digitando *family*. Imediatamente, aparecerá uma lista com itens que podem ser úteis para o efetivo ministério às famílias. Também é possível obter informações adicionais, ideias para culto com crianças e juvenis, em nosso site <http://family.adventist.org>.

Ministério: *Quais são os conselhos que os senhores dariam às famílias pastorais, quanto à superação de eventuais dificuldades para a realização do culto familiar diário?*

Elaine: Realizar o culto em família é assunto de absoluta prioridade. Concordo em que, considerando as várias atividades em que estamos envolvidos como família, devemos estabelecer o momento mais apropriado em que podemos estar juntos para o culto familiar. Então, devemos permanecer comprometidos com esse tempo e tornar o culto o mais interessante possível, com a participação de todos os membros da família. Não há necessidade de se seguir um roteiro fixo, pois a rotina pode ficar monó-

tona; podemos variar, escolhendo o que incluir ou não no programa. Caso as crianças ainda estejam em idade escolar, o período não deve exceder os quinze minutos. Sendo adolescentes, vinte minutos é tempo suficiente. O ponto principal do culto em família é conectar os membros uns aos outros e todos a Deus. Invariavelmente, achamos fácil partilhar esse conceito com os membros das nossas congregações. Entretanto, realmente é importante que gastemos esse tempo, envolvidos em disciplina espiritual como família. Os filhos crescem rapidamente e, quase antes que percebamos, já deixaram o lar. Deixar para eles um legado espiritual significa um dos mais valiosos presentes que podemos lhes dar – o tipo de presente que permanecerá com eles durante toda a vida, quaisquer que sejam as decisões que venham a tomar.

“A pressão para ter filhos perfeitos é muito perigosa. A verdade é que os filhos do pastor são seres humanos e cometerão erros. A saída é amarmos incondicionalmente a eles”

Ministério: *Que lições da experiência de ter Cristo como centro do casamento os senhores podem compartilhar com outras famílias pastorais?*

Willie: Ser cristão é uma realidade de tempo integral que se aplica a todas as facetas de minha vida, inclusive o casamento. Entretanto, sou igual a todos os outros cristãos que, através dos tempos, partilham do conflito descrito pelo apóstolo Paulo: “Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio.” Isso comprova que, como cristãos, tendemos a nem sempre praticar o que profes-

samos, por causa de nossas fraquezas humanas. Embora o relacionamento com Cristo seja fundamental em minha vida e a prioridade que motiva e conduz minha vida conjugal, estou sempre atento às incompatibilidades que frequentemente aparecem em meu casamento com Elaine. Então, meu cristianismo informa a maneira pela qual devemos buscar a concórdia: o caminho do amor, bondade, paciência, perdão, compromisso mútuo. Considerando que sou humano, nem sempre faço o que desejo fazer. Faz muito tempo, Elaine e eu concordamos que nunca magoariamos propositalmente um ao outro. Assim, quando nossa humanidade se interpõe no caminho pelo qual pretendemos conduzir nosso comportamento conjugal, nós paramos, reconhecemos o erro, perdoamo-nos e tomamos o tempo necessário para fazer reparos. Temos aprendido a dar um ao outro o benefício da dúvida quando alguém fere o outro. Compreendemos que não existem pessoas perfeitas, e isso nos inclui. Como casal pastoral, devemos compreender que somos humanos sujeitos às incompatibilidades. Também devemos ter em mente a maneira pela qual o apóstolo tratou o conflito descrito na carta aos romanos (7:24, 25), ou seja, a graça de Deus está sempre disponível e deve ser suplicada, a fim de manter o equilíbrio necessário no casamento.

Ministério: *Que pensamentos os senhores ainda gostariam de transmitir aos leitores?*

Willie: Ter vida familiar relativamente saudável é dom de Deus. Na verdade, isso requer esforço, intencionalidade e dependência do Altíssimo. Entretanto, nunca devemos nos esquecer de que Deus prometeu estar conosco até o fim dos tempos, dando-nos Sua paz e suprimindo todas as nossas necessidades. Confiamos nEle, a despeito dos desafios enfrentados cada dia em nossa vida. ▀



Fomos transferidos. E agora?

Diante de uma transferência de distrito ou trabalho, é importante contagiar os filhos com entusiasmo e otimismo pelos aspectos positivos da experiência

Ao escrever sobre as mudanças de lugar e trabalho na vida pastoral, estou consciente de que o tema não fugirá a subjetividades, inclusive as minhas como esposa de pastor e mãe de dois filhos.

O impacto que as mudanças causam nas pessoas e nas famílias é um tema abordado pela Psicologia. Existe farta bibliografia a respeito disso, considerando que, de acordo com pesquisas realizadas, tal experiência ocupa o terceiro lugar entre os estressores nos seres humanos, somente superado pela morte de alguém muito próximo e pelo divórcio.

Mudar de residência repetidamente não é natural para as pessoas, embora, pelo fato de se repetir tanto na experiência da família ministerial, acabemos encarando a mudança com normalidade. Contudo, normal não é sinônimo de natural. Mesmo que nos adaptemos, não escapamos totalmente do impacto no ritmo de vida, nos relacionamentos, emoções e, às vezes, também na economia familiar.

Certamente, cada pessoa e cada família viverão essa experiência de maneiras diferentes, dependendo das experiências do passado, dos vínculos com a família de origem e, especialmente, da época da vida em que a mudança ocorrer. Por exemplo, a experiência não é a

mesma se a família envolvida estiver iniciando a vida matrimonial, se os filhos são pequenos, adolescentes, ou se pastor e esposa são de idade avançada e vivem sem os filhos.

O positivo

Perto de completarmos 26 anos de vida pastoral, temos no currículo dez mudanças para oito distritos. Somos agradecidos a Deus, por que sempre as encaramos como desafios e oportunidades que nos ajudariam a crescer e desenvolver em muitos aspectos.

Tecnicamente falando, até aqui as mudanças promoveram expectativas quanto ao novo território, à nova casa, estudo dos filhos, vizinhos, igreja e outras coisas. Isso faz com que sempre nos preparemos e planejemos para o futuro desconhecido, mas estando nós confiantes na possibilidade da adaptação.

Uma das coisas que nos motivam é poder renovar a decoração da casa. Cortinas, roupas, ornamentação, tudo é considerado. Talvez, isso não se deva ao fato de gostarmos ou não de trabalhar intensamente nesse aspecto, mas apreciamos a sensação de renovação, ao irmos nos acomodando ao novo destino. Obviamente, temos também a chance de nos desprendermos de algumas

coisas velhas, avaliadas na ocasião como sendo inúteis. Novos ares, ares de renovação! Os filhos, já crescidos, colaboram com entusiasmo nessas ocasiões.

Acredito firmemente que a atitude mostrada pelos pais diante de uma transferência influi muito no estado de ânimo e enfrentamento da situação por parte dos filhos. É sempre importante ressaltar os aspectos positivos da nova mudança, contagiando otimismo e entusiasmo a quem vive a experiência sem chance de escolher as consequências da vocação dos pais.

O “negativo”

O uso de aspas no intertítulo é intencional, porque o impacto negativo das mudanças será singular para cada família, dependendo das circunstâncias particulares e diferentes personalidades. De todo modo, há algumas que geralmente afetam todos os que enfrentamos isso como estilo normal de vida.

Sem dúvida, as afeições são a área mais afetada. Podemos dizer que deixamos muitas coisas para trás, mas não as afeições. Em certo sentido, as mudanças atentam contra elas. As distâncias nos separam de lugares queridos, paisagens conhecidas, pessoas e momentos significativos em nossa vida. Sempre é difícil girar pela última vez a fechadura, entrar no carro e marchar definitivamente para outro lugar. Não importa o que signifique para nós o novo destino, além das expectativas positivas quanto ao novo lugar, de alguma forma a despedida é dolorosa.

Quando os filhos são adolescentes, a mudança de ambiente escolar, da igreja e do bairro se torna o maior desafio. Mais do que ninguém, eles necessitam pertencer a um lugar e a um grupo. Separar-se disso é doloroso e gera a sensação de insegurança. Algo que muito nos ajudou nesse sentido foi a escolha espontânea de nossos filhos de cursar o Ensino Médio no internato. Olhando para trás, percebemos que, por mais que tenham superado essa etapa, ali formaram vínculos significativos e estáveis, não importando qual fosse nosso lugar de residência.

Certa ocasião, o coral do internato em que nossos filhos estudavam visitou nossa cidade. Durante o recital, os coristas se apresentavam e diziam de onde eram. Então, o filho de um amigo pastor disse que morava em outro país limítrofe ao nosso, mas ainda não conhecia a casa dos pais, que não fazia muito tempo haviam se mudado para lá. Nosso filho disse que vinha de Buenos Aires, quando já morávamos em outra cidade. Mentira ou confusão? Certamente, confusão.

Sempre que as mudanças nos levam para muito longe do nosso lugar de origem, o preço é mais alto. Acabamos não participando de momentos importantes da família.

Aniversários, casamentos, nascimentos, encontros especiais e falecimentos. Alguns anos atrás, ouvi uma octogenária mãe de pastor dizer o seguinte: “Meu filho participa de muitos casamentos, dedicação de bebês, aniversários e sepultamentos, mas está ausente das ocasiões especiais da família.” Não posso negar que sua reflexão foi como me colocar diante de um espelho e ver a maneira pela qual nosso estilo de vida nos priva, muitas vezes, dos abraços e sorrisos nos momentos felizes da família, bem como dos abraços de consolo e lágrimas nos momentos de perdas significativas.

As consequências de uma mudança no desenvolvimento profissional da esposa do pastor e, conseqüentemente, nas finanças familiares não é uma questão menor. Cada mudança pode implicar descontinuidade profissional, quer a esposa trabalhe para a igreja ou fora dela. A mudança de ambiente pode se converter em um forte estressor.

Sempre que nos encontramos com outras esposas, companheiras de ministério, a conversa quase que obrigatória gira em torno da nossa maneira de nos reinserirmos profissionalmente nos diferentes lugares. Nessa forma de vida, o crescimento e desenvolvi-

mento profissional podem ser difíceis, mas também nos colocamos diante de oportunidades inimagináveis. Em certos lugares, podemos fazer ou continuar nossa formação acadêmica e conseguir melhor função profissional.

Deus está na direção

Embora eu tenha me tornado esposa de pastor por causa de situações positivas fora do meu controle, não re nego, absolutamente, minha experiência em uma família ministerial. Para mim, as mudanças não têm sido apenas possibilidades de conhecer lugares e me enriquecer com diferentes culturas. Acima de tudo, elas me proporcionam enriquecimento pessoal e espiritual, trabalhando melhor atitudes e capacidades minhas e dos meus, que de outra maneira não seria possível.

Deus é tão maravilhoso que, mesmo em circunstâncias que possivelmente não escolheríamos, Ele Se manifesta transbordante de misericórdia para conosco. Esse Deus também age por meio de decisões administrativas de Sua igreja. Oro para que Sua direção seja notada nas decisões que implicam transferências de famílias pastorais. Que, à semelhança do que comprovamos em nossa experiência, elas sejam expressão do melhor para a igreja bem como para as famílias envolvidas. Em última instância, Deus está interessado nos seres humanos, tanto naqueles que ainda não O conhecem como naqueles que escolheram servir a Ele na missão de salvar pessoas para o Reino celestial. ▀

“Deus é maravilhoso e, mesmo em circunstâncias que possivelmente não escolheríamos, manifesta-Se transbordante de misericórdia para conosco”



A voz dos profetas

Nossa pregação deve ser enriquecida com novos tesouros da verdade, encontrados no Antigo Testamento

Quando foi a última vez em que você pregou sobre algum dos profetas bíblicos? Não estou falando sobre usar um solitário verso de alguma passagem, mas a respeito da pregação expositiva sobre um deles. Provavelmente, tenhamos pregado alguma coisa extraída dos livros de Daniel, Jonas e outras passagens conhecidas, tais como o servo sofredor de Isaías 53 ou a visão dos ossos secos de Ezequiel 37. Mas, quando foi a última vez em que sua congregação ouviu um sermão tendo como base os livros de Obadias, Sofonias, Isaías 19 ou Jeremias 17?

Durante os cinco anos em que trabalhei como pastor distrital, nunca preguei sobre esses livros e passagens. Limitava-me a textos mais familiares. Então, dois anos atrás, despertei-me para o fato de que, como pregadores ou professores, alguns de nós tendemos a usar apenas certas partes da Bíblia – aquelas que são mais cómodas ao estudo e preparo de sermões. Diante disso, cabe-nos perguntar: Estamos tendo uma dieta bíblica não balanceada? Consequentemente, estamos alimentando de maneira desequilibrada nossas congregações?

Por que são evitados

Existem algumas possíveis razões pelas quais evitamos essa parte da Bíblia.

Primeiramente, esses livros parecem estranhos no sentido de que aparentemente apresentam Deus como sendo rude e severo, ou alguém que parece liderar atos cruéis. Por exemplo, Isaías 1:24 declara: “O Soberano, o Senhor dos Exércitos, o Poderoso de Israel, anuncia: ‘Ah! Derramarei Minha ira sobre os Meus adversários e Me vingarei dos Meus inimigos.’” Noutras ocasiões, os profetas mostram condutas estranhas, como o caso de Isaías que andou “nu e descalço” (Is 20:2).

Às vezes, parece complexo compreender ou interpretar os profetas. Como pregadores, tendemos a preferir passagens narrativas. Entretanto, a maioria dos profetas escreveu em estilo poético, o que dificulta a compreensão da mensagem. Além disso, eles nem sempre escreveram em ordem cronológica. Algumas vezes, encontramos neles profecias apocalípticas (Is 24-26), e esse estilo requer abordagem diferente do restante do livro.

Alguns de nós costumamos afirmar que esses livros parecem falar somente de juízos, não tendo aparentemente nada positivo em sua mensagem. Entretanto, os mesmos profetas que falam de juízos chamam também ao arrependimento e à justiça, falam sobre justiça social, retidão moral e salvação.

Às vezes, supomos que os membros da igreja não estejam interessados em profecia, ou aparentemente deixamos que eles ditem o tipo de pregação que preferem – muitas vezes, em detrimento de seu crescimento espiritual. Também costumamos supor que as mensagens tenham sido dadas apenas para as pessoas daquele tempo, e não sejam aplicáveis a nós, hoje. Muitos pastores e teólogos pensam que o Antigo Testamento foi significativo apenas para uma cultura de um longínquo passado, mas não é relevante para os dias atuais. Pensamos que a sociedade está tão adaptada à injustiça, que não pode ser identificada com o combate dos profetas à sua prática.¹

Os leitores da Bíblia frequentemente preferem o Novo Testamento ao Antigo Testamento. Bruce

Moulton afirmou o seguinte: “Infelizmente, muito do Antigo Testamento e muito dos profetas menores não é ensinado nem pregado. Os pastores acham que esses livros são muito controversos, irrelevantes e difíceis de compreender.”² E Walter Kaiser apropriadamente nos convida a refletir: “Por que muitos pastores admitem que têm um bloqueio mental, sentimentos de insuficiência ou culpa quando devem pregar sobre o Antigo Testamento?”³ A pregação sobre o Novo Testamento é mais atraente pelo simples fato de que essa parte da Bíblia é mais fácil de ser compreendida e interpretada. Além disso, existe a percepção de que o Novo Testamento foi escrito para os cristãos, e o Antigo foi escrito para Israel.⁴

Alguns pastores não tomam tempo para explorar muito detalhadamente os profetas. Estamos muito ocupados, cheios de compromissos e, não raro, dispomos de pouco tempo para o preparo do sermão. Podemos não ter tempo para escavar profundamente a Bíblia, mas os compromissos da vida e do trabalho jamais deveriam nos impedir de buscar encontrar novas verdades, inclusive as reveladas pelos profetas.

Benefícios

Pregar sobre os profetas resulta em grandes benefícios espirituais para a congregação, que receberá uma dieta espiritual balanceada. Aqui estão alguns dos benefícios:

Ao considerarmos as perspectivas dos profetas, adquiriremos uma visão equilibrada do caráter de Deus. Aprofundaremos nossas habilidades de pregar, ao investir mais rigoroso tempo pesquisando as verdades especiais de Deus em passagens desafiantes.

Descobriremos que os profetas não têm uma mensagem diferente do restante da Bíblia. Na verdade, eles colocaram o mesmo conteúdo em pacotes diferentes. Enquanto o envio de juízos divinos flui através dos escritos dos profetas, isso não

deveria nos impedir de explorar as razões pelas quais Deus permitiu ou enviou tais juízos sobre Seu povo (Is 5:13-23; Jr 25; Am 1-3). Embora os leitores sejam deparados com juízos divinos, nesses livros, os registros também revelam o caráter de Deus e o do ser humano.

Veremos que a mensagem dos profetas não apenas trata de juízos, mas está saturada com o amor de Deus e Seu desejo de redimir a humanidade, com a revelação da graça divina para com a humanidade, bem como das atitudes de um Deus incansável que, com indescritível paciência, procura alcançar e trazer de volta para Si aqueles aos quais Ele ama (Is 1:16-20; 6:1-7; 12:1-6; Jr 3:6-25; 23:1-8; Ez 33:10-19; Mq 7:1-20).

Ao estudarmos os profetas, veremos em Jesus o cumprimento das predições feitas por eles. Os discípulos entenderam que Jesus era o Messias, exatamente por haverem estudado os profetas. Também descobriremos que as mensagens anunciadas por aqueles servos de Deus são tão aplicáveis a nós hoje, como foram em seus dias. Nossa sociedade tem manifestado frieza para com as coisas espirituais, e as mensagens dos profetas foram direcionadas a uma sociedade semelhantemente apática e sem lei, antes do tempo de Cristo.

Nós e os membros de nossas congregações veremos um quadro mais amplo da atuação de Deus na vida de Seu povo. Pastores que reservam tempo extra para pesquisar os livros proféticos e pregar sobre eles descobrem um rico tesouro da verdade para sua própria vida e a vida da igreja.

Sermão sobre Miqueias 6

No restante deste artigo, exemplificaremos a demonstração do benefício de se pregar a partir dos profetas. O texto de Miqueias 6 nos é bastante familiar, porque os pastores muitas vezes citam o verso 8; mas, por que não examinar porção maior deste capítulo? Lembre-se de que, depois de ter estudado uma passagem específica e extrair dela o máximo que lhe for

possível, certamente será benéfico consultar comentários e outros escritos bíblicos sobre o tema pesquisado. Bem, vamos ao nosso texto.

Estilo. Essa parte do livro de Miqueias pertence ao gênero poético: a interpretação não será fundamentada em uma história. Assim, as palavras-chave são necessárias para dirigir o estudo. Exemplos estabelecidos em outros livros do Antigo Testamento ajudam a determinar o que estava ocorrendo então. Nessa passagem é importante a palavra “contenda” (Mq 6:1, 2). A palavra hebraica *riv* (contenda, luta) também se refere ao processo ou à condução de uma causa judicial. Assim, temos um processo da aliança de Deus contra Seu povo (Dt 32; Sl 50; Jr 2; Os 4).⁵

Contexto. Em Miqueias 6, por causa do uso da primeira palavra “ouçam”, observamos um definitivo contraste entre o que aconteceu nos cinco capítulos anteriores. Essa palavra chama a especial atenção dos leitores. As palavras que seguem revelam que o Senhor falou por meio do profeta. O capítulo 6 pode ser dividido em duas partes: Versos 1-8 e versos 9-16. A exortação imperativa *shema* significa “ouvir, escutar” (v. 1, 9, por exemplo).

Estrutura/forma literária. Conforme foi dito, esse capítulo contém um processo que utiliza o modelo de aliança encontrado em Deuterônimo. A exceção ao modelo usual de aliança nessa passagem são as testemunhas, frequentemente colocadas no fim da passagem, em vez do começo. Assim, temos a seguinte estrutura:

1. *Lista de testemunhas* – montanhas e colinas (M1 6:1, 2).
2. *Preâmbulo* – introdução do Soberano e o chamado ao julgamento (Mq 6:1, 2).
3. *Prólogo histórico* – revisão dos atos benevolentes do Soberano para com os vassallos (Mq 6:3-5).
4. *Acusações* – quebra de cláusulas da aliança: Revisão das cláusulas gerais (6:6-8); violação de cláusulas específicas (6:9-12).

5. *Veredito* – culpado, “por isso”; e sentença – pronunciamento das maldições (6:13-16).⁶

Uma rápida revisão dessa estrutura revela possibilidades para pelo menos um ou dois sermões tirados da passagem. Agora, focalizaremos brevemente apenas a primeira parte (Mq 6:1-8), para sugerir uma possível mensagem fundamentada nesses versos.

Esboço do sermão

Título – O processo de Deus contra Judá (Mq 6:1-8).

Introdução: Esta passagem revela a seriedade da quebra de relacionamento entre Deus e Seu povo. Esse processo em Miqueias especifica um apelo final ao povo, um chamado ao despertamento. O povo de Deus assumiu que o relacionamento de aliança com Deus continuaria para sempre, mesmo quando eles não foram leais no culto e no serviço a Deus. Entretanto, como foi anunciado por Moisés, em Deuteronômio (4-7; 27, 28; 31:14-21), pelas ações praticadas, o povo de Deus podia romper esse relacionamento.

Testemunhas: Em Miqueias 6:1, o Senhor disse a Seu povo: “Fique em pé, defenda sua causa; que as colinas ouçam o que você tem para dizer.” Se o povo tinha algo a dizer, que fizesse isso diante das montanhas e colinas, que seriam como testemunhas. Os “céus e a Terra” também seriam testemunhas (Dt 21:1; Sl 50:1). As montanhas são personificadas de modo que conheçam a imoralidade e o falso louvor praticados pelo povo.

Alegação: No verso 2, Miqueias revela o objetivo do processo de Deus. O Senhor mostra que esse processo é contra Seu próprio povo e estabelece a seriedade das acusações contra ele. O autor não retrata o relacionamento entre Deus e o povo como estando em boas condições. Aqui, encontramos a mesma palavra “contenda” ou *riv* usada duas vezes, e Deus é quem está contendendo. Miqueias repete isso na última parte do verso 2, não com a palavra *riv*, mas com outra palavra relacionada

ao assunto: *ykh* (repreensão; debate). Aqui, o verbo é *hithpa’el*, que significa “apresentar uma acusação, argumentar com”, sugerindo que será um diálogo, um debate entre Deus e o povo. A questão é a seguinte: Quem está certo?

Exame do demandante: Em Miqueias 6:3-5, Deus não acusa diretamente o povo de Judá por uma série de falhas, como era de se esperar, mas usa uma abordagem retórica, perguntando o que Ele fez ou tem feito de errado. “Meu povo, o que fiz contra você? Fui muito exigente?” Assim, Deus Se coloca à prova diante do povo. Parece abrir o coração para ser pesquisado, a fim de que seja visto se há alguma evidência de falha da parte dEle. Esses versos revelam o amor de Deus para com Seu povo, conforme retratado por Gary Smith: “Essas perguntas removerão a postura defensiva dos ouvintes e os abrirão para considerar supostas falhas de Deus, isto é, sua objeção ao que Deus tem feito em favor deles”⁷ Isso nos leva a concluir que, se os ouvintes nada encontrassem de errado com Deus, a quebra do relacionamento devia ser encontrada com o povo.

Deus mostra que Ele não foi infiel a Seu povo, lembrando Suas ações passadas. Fala sobre a maneira pela qual Ele o tirou do Egito; enviou Moisés, Arão e Mirian para guiá-lo, e agiu em favor de Seu povo no incidente entre Balaque e Balaão. O passado demonstrou como Deus cuidou de Seu povo e cumpriu Suas promessas (Gn 12:1-3; Êx 6:6-8).

Resposta dos acusados: Em Miqueias 6:6, 7, os israelitas devem defender suas ações. Esses versos são declarações retóricas na forma de perguntas que o povo usou para se defender, argumentando quão fiel havia sido diante de Deus.⁸ Entretanto, suas declarações não são humildes; os israelitas focalizaram os verbos “dar” e “fazer”, em lugar do relacionamento.

Base do julgamento: Miqueias 6:8 responde à pergunta sobre o

que realmente o Senhor procura – não sacrifícios e aparência exterior superficial. O fato de que Miqueias começa o verso 8 com as palavras “Ele mostrou a você” revela algo que Deus havia feito no passado, mas o povo não havia aprendido. Deus não saltou com novas ideias, novos princípios ou verdades, mas foi consistente com Seu relacionamento e o que esperava que Seu povo fizesse. Obviamente, o povo distorceu o que o Senhor lhe propôs, simplesmente presumindo o que Deus queria, em vez de tomá-Lo pela palavra.

Conclusão: Assim, Deus deseja que a humanidade adote três conceitos básicos: (1) fazer/agir com justiça; (2) amar a fidelidade, a misericórdia e a beneficência; (3) andar humildemente, ou com circunspeção, sabiamente.⁹ Ao explicar esses três princípios, Miqueias esperava corrigir a incompreensão de sua audiência, nos versos 6 e 7, e explicar a base do veredito de Deus nesse processo, nos versos 13-16.

Conforme demonstrado neste exemplo de Miqueias 6, os pregadores verão ser possível pregar e ensinar, às respectivas congregações, mensagens relevantes dos profetas. Os profetas revelam o caráter de Deus em contextos diferentes, e podemos ver como o Senhor interage com Seu povo e como revela Seu amor por meio do relacionamento de aliança. ▮

Referências:

¹ Abraham L. Maylue, *Masters Seminary Journal* 6, n° 1 (Spring, 1995), p. 50, 51.

² Bruce Moulton, *Analyzing the Applicability of Preaching the Minor Prophets in the 21st Century* (Tese doutoral, Liberty Baptist Theological Seminary, 2011), p. 1.

³ Walter C. Kaiser, *Toward an Exegetical Theology: Biblical Exegesis to Preaching and Teaching* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1981), p. 201.

⁴ Bruce Moulton, *Op. Cit.*, p. 52-54.

⁵ Richard M. Davidson, *Journal of the Adventist Theological Society* 21, n° 1 (2010), p. 45-84.

⁶ *Ibid.*

⁷ Gary V. Smith, *Hosea, Amos, Micah*, The NIC Application Commentary (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001), p. 550.

⁸ *Ibid.*

⁹ D. W. Thomas, *Journal of Jewish Studies* 1, n° 4 (1949), p. 182-188.

¹⁰ Gary V. Smith, *Op. Cit.*, p. 552.



Professor na Faculdade de Teologia do Iaene, Cachoeira, BA

O exemplo de um filósofo

Amor pela verdade, preparo e disposição para expô-la são marcas importantíssimas do verdadeiro servo de Deus

A história da igreja cristã é marcada por perseguições e martírios. Historiadores relatam fatos que levaram à expansão do cristianismo depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo, e que expuseram os primeiros cristãos ao sofrimento e até mesmo sacrifício da própria vida. Nesse contexto, evidencia-se o exemplo de fé e perseverança de Justino que, diante de filósofos de sua época, levantou-se em defesa do cristianismo, sendo, por isso, martirizado.

Justino Mártir (110-165 d.C.) foi um filósofo que viveu no período do imperador Antonino Pio e de Marco Aurélio, no século 2. Acredita-se que ele tenha nascido depois do ano 100 d.C., em Flavia Neapolis (atual Naplusa), na Síria-Palestina, ou Samaria, a Siquém dos tempos bíblicos. De família grega, pagã, cresceu em Samaria, tendo contato com judeus e samaritanos. Sua educação incluiu

retórica, poesia e História. Quando jovem, interessou-se por filosofia, estudando várias teorias dessa área até conhecer o cristianismo. O desejo pela verdade o levou a buscar respostas nas escolas estoica, peripatética, pitagórica, neoplatônica.

Chegando a Éfeso, encontrou discípulos do apóstolo João e conheceu o evangelho por meio de um cristão idoso que lhe indicou a leitura das Escrituras e dos profetas. Assim, Justino encontrou a verdade que buscava e se converteu ao cristianismo. Foi profundamente afetado pelo contato com os cristãos e pelos ensinamentos de Cristo, passando a defendê-los diante de autoridades e filósofos da época, por meio de seus escritos e debates.¹

Em defesa da fé

Plenamente convicto da verdade de Cristo, Justino colocou a serviço da fé cristã sua cultura clássica e fi-

losófica adquirida antes de sua conversão. Nem o martírio o demoveu.² Ensinou em Éfeso e chegou a Roma em 150 d.C., onde fundou uma escola filosófica, por meio da qual, em defesa do cristianismo, debateu com pagãos, judeus e hereges. Para Justino, o cristianismo era a “verdadeira filosofia”. Ele afirmava que os adversários dessa doutrina insultavam a razão e a moral. Muito da convicção desse valoroso cristão brotou da influência que lhe foi transmitida pelos próprios cristãos martirizados.

Utilizando a doutrina do *Logos*, Jesus Cristo, e da compreensão racional do Universo, Justino enfatizava Jesus como a fonte de todo verdadeiro conhecimento, sendo por ele considerado “a alma do mundo”.³ Afirmava que os filósofos antigos, à semelhança de Sócrates e Platão, haviam recebido a sabedoria do *Logos*, sendo, portanto, cristãos em sua essência.

A defesa da filosofia cristã e dos cristãos resultou, para Justino, no comparecimento diante de autoridades romanas, ocasião em que, por causa da firme convicção na verdade de Cristo, foi martirizado, aproximadamente em 165 d.C., em Roma, pouco tempo depois de dedicar as apologias aos imperadores. Suas obras em defesa do evangelho e da verdadeira filosofia são consideradas um testemunho dos ideais cristãos e da filosofia cristã dos primeiros séculos. Essas apologias foram destinadas a Antonino Pio, seus filhos e ao senado romano, bem como a Antonino Vero.

Outras obras nas quais ele discutiu questões filosóficas e a natureza da fé cristã são destinadas a filósofos e ao povo em geral. Entre essas obras, destacam-se as seguintes: *Apologias I e II*, *Discursos aos Gregos*, *Refutação*, *Sobre a Monarquia de Deus*, *Psalmos*, *Observações Sobre a Alma*, *Diálogo com Trifão*. Nelas Justino combatia a má interpretação do Antigo Testamento e evidenciava a figura de Cristo como cumprimento das profecias.⁴

Ao escrever para as autoridades, Justino se alicerçava na própria fé, no conhecimento das Escrituras, no exemplo de vida dos cristãos e em argumentos de autoridades romanas que pleiteavam em favor dos cristãos. Assim, enquanto explicava e defendia sua fé, combatia o erro das autoridades romanas em perseguir os cristãos, afirmando que deveriam unir forças ao cristianismo, em combate à falsidade dos sistemas pagãos.⁵

Na defesa veemente que fazia dos cristãos, Justino apresentava o exemplo de pessoas perseguidas e mortas simplesmente por causa da fé cristã, embora tivessem vivido dignamente. Assim, condenava o tratamento injusto e preconceituoso imposto pelos imperadores e governantes romanos aos cristãos. Argumentava que os cristãos adoravam o Deus verdadeiro – Pai, Filho e Espírito Santo; por isso, não havia razão para que fossem perseguidos e mortos. Alegava que, por preceito e exemplo, os cristãos

obedeciam às leis de Roma. Entretanto, quanto à fé, tinham em Deus seu Líder maior. A vida e a conduta de paz dos cristãos deveriam ser seguidas pelas autoridades, considerando que um dia deveriam prestar a Deus contas de seus atos.⁶

“Com seu conhecimento e poder argumentativo, Justino muito contribuiu para a defesa da fé em Cristo”

O ensino

Muito embora a teologia de Justino apresente algumas interpretações questionáveis, seu trabalho como um todo contribuiu para explicar a fé cristã, tendo como base e fonte de autoridade, as Escrituras, cujas profecias podem ser compreendidas pela graça de Deus.⁷ Seus escritos se voltam para a pessoa de Cristo e Sua obra, sendo Justino o primeiro teólogo a tentar explicar a relação de Deus Pai com o Verbo, a teologia trinitariana, a visão do porvir e a crença no Reino milenar. Sua teologia ganhou destaque pela erudição e fervor manifestado em seus escritos. Assim, ele se tornou um marco na história da igreja e um referencial inspirador da autêntica fé cristã para todas as gerações.

A vida de Justino pode ser comparada à de Paulo, no que diz respeito à descendência e à defesa do cristianismo diante dos gentios. Ambos tinham vivido entre judeus e gentios, tinham boa formação e usavam da argumentação para convencer tanto gentios como judeus a respeito de Cristo. Consequentemente, os dois foram martirizados em Roma, por causa da fé que defenderam.⁸

Quando chegou o momento de testemunhar a respeito de sua fé em Cristo, perante as autoridades greco-romanas, Justino o fez com absoluta firmeza, em prejuízo da própria vida. Tornou-se mártir, com seis dos seus

discípulos. Embora não tivesse apresentado o cristianismo na maneira pela qual hoje o conhecemos, podemos afirmar que ele foi quem melhor explicou e defendeu as crenças cristãs, promovendo o desenvolvimento da teologia e apologética da igreja nos seus primórdios.

A partir da perspectiva de suas defesas, Justino pode ser considerado embaixador da Palavra de Deus no segundo século. Apesar de sua limitada compreensão das Escrituras Sagradas, foi o principal apolo-gista da fé cristã, na época em que viveu, apresentando o evangelho de maneira consistente diante da classe greco-romana, apoiando-se nas Escrituras, na vida, filosofia e nos ensinamentos de Cristo, além do exemplo possibilitado pelo estilo de vida dos cristãos. Seu conhecimento e admirável poder argumentativo muito contribuíram para a defesa da fé em Cristo Jesus.

Nessa batalha, Justino foi às últimas consequências, pagando o preço com a própria vida, deixando-nos o exemplo de que o amor pela verdade, o preparo e a disposição para expô-la são marcas importantíssimas do verdadeiro servo de Deus. Justino se apresenta como exemplo de que o evangelho de Jesus Cristo deve ser estudado, aceito, divulgado e defendido, mesmo sob as circunstâncias mais adversas. Que Deus nos conceda a graça de viver e ministrar com prontidão semelhante à de Justino! ▀

Referências:

- ¹ Rick Walde, *Justino Mártir: Defensor da Igreja*, disponível em <http://logoshp.6te.net/APO25.htm>; acesso em 03/04/2013.
- ² Philip Schaff, *Ante-Nicene Christianity*: a.D. v. 2, p. 100-325; em *History of the Christian Church* (Grand Rapids, MI: Eerdmans).
- ³ Marlon Ronald Fluck, *Teologia dos Pais da Igreja* (Curitiba, P: Escritores Associados, 2009).
- ⁴ Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica: Os Primeiros Séculos da Igreja Cristã* (São Paulo: Novo Século, 2002).
- ⁵ Roger Olson, *História da Teologia Cristã* (São Paulo: Editora Vida, 2001).
- ⁶ Rick Walde, *Op. Cit.*
- ⁷ Patrística, *Justino de Roma* (São Paulo: Paulus, 1995).
- ⁸ Dionísio Hatzenberger, *História da Igreja*, disponível em <http://hist-igreja.blogspot.com.br/p/cristianismo-nos/seculos-i-e-ii.html>.



Secretário ministerial e evangelista da União Sul da Igreja Adventista, nos Estados Unidos

Retrato de um líder

Em vez de esperar as circunstâncias certas, a fim de que possa agir, você deve mudar as circunstâncias

Uma definição simples do que seja visão é que ela envolve a capacidade que uma pessoa tem de “ver algo antes que seja visto”. Antes de qualquer grande invenção, realização ou ideia transformadora, alguém teve uma visão, ou seja, alguém viu antes.

Um dos líderes bíblicos com visão foi Jônatas, filho de Saul. O capítulo 4 do primeiro livro de Samuel focaliza uma atrativa história de implementação visionária, que tem aplicações práticas para os líderes de hoje. O incidente aconteceu quando os israelitas estavam em má condição, nas mãos dos filisteus. O povo estava desmoralizado. O rei estava perturbado, os inimigos os estavam destruindo.

Partilhe com a pessoa certa

“Certo dia, Jônatas, filho de Saul, disse ao seu jovem escudeiro: ‘Vamos ao destacamento filisteu, do outro lado’. Ele, porém, não contou isso a seu pai” (1Sm 14:1).

Caso você tivesse um plano para atacar um inimigo, não seria mais lógico compartilhá-lo com o rei? Porém, Jônatas escolheu nada dizer a seu pai, o rei. Ele partilhou o plano apenas com seu escudeiro de confiança.

Precisamos ser cuidadosos e saber com quem compartilhamos nossa visão. Algumas pessoas se oporão a nossos sonhos. Outras rirão de nós, ou questionarão nossa sabedoria. Portanto, não espere que todos sejam capazes de perceber sua visão. Outros podem não compreender sua previsão, porque não é a visão deles.

Oposição não significa que seu objetivo não seja digno de ser perseguido. Embora você não queira ser negligente nem irresponsável, deseja avançar pela fé. As maiores ideias inicialmente receberam oposição ou descaso. Assim, se você está convicto de que Deus lhe deu uma visão, não se importe com a crítica. Ela pode ajudá-lo. Pode ser a lixa com que Deus está polindo a obra de arte que você

está construindo com Ele. Ao mesmo tempo, não deixe que a crítica detenha seu progresso; afinal, o maligno é contra tudo o que Deus abençoa.

Vá em frente

“Saul estava sentado debaixo de uma romãzeira na fronteira de Gibeá, em Migrom. Com ele estavam uns seiscentos soldados, entre os quais Aías, que levava o colete sacerdotal. Ele era filho de Aitube, irmão de Icabode, filho de Fineias e neto de Eli, o sacerdote do Senhor em Siló. Ninguém sabia que Jônatas havia saído” (v. 2, 3).

Três grupos estavam acampados sob uma romãzeira, e todos tinham parte na visão para derrotar o inimigo. Havia o rei Saul, que devia ter um plano para liquidar os adversários. Com ele estavam os soldados que deviam executar a visão de Saul; Aías, o líder religioso devia confirmar a visão. Todos eles tinham algo a fazer, mas nada fizeram.

Os desmoralizados líderes, sentados sob a romãzeira, sentiam tristeza por eles mesmos enquanto Jônatas, um jovem, agia. Mas “ninguém sabia que Jônatas havia saído”. Enquanto as autoridades permaneciam sentadas, ruminando a derrota prevista, a nova geração se movia.

Jônatas preferia morrer a permanecer inativo. Ele pensou que ter um plano e tentar fazer alguma coisa e falhar era melhor do que nada fazer e nada sofrer. O maior inimigo da igreja destes últimos dias não é o mundanismo, mas a indolência. Deus nos chama para fazer alguma coisa. Ação é mais importante que discursos, gráficos, ideias, opiniões, palavras e desejos. O que dizemos não é tão importante como o que fazemos. “Opiniologia” não está incluída nos dons espirituais.

Durante o tempo em que pastoreei certa igreja, tínhamos um time de futebol com o qual esperávamos interagir e fazer amigos na comunidade. Às vezes, eu conseguia jogar e, no transcorrer da partida, todo mundo na audiência tinha uma opinião. Certo dia, pensei ter ouvido alguém gritar: “Tirem o pastor! Ele é péssimo!” Durante o intervalo, muitas pessoas nos ofereceram ideias, conselhos e estratégias. Não somente eram diretas e insistentes quanto ao que devíamos fazer, mas ficavam aborrecidas se não jogássemos segundo a maneira que pediam.

Não seria isso um pouco parecido com o trabalho da igreja? Muitos observam, queixam-se, aconselham, mas poucos realmente trabalham. Algumas vezes, uns 20% da congregação fazem 80% do trabalho. Deus não espera que façamos tudo, mas espera que façamos algo. A ação inspira nossos irmãos, desenvolve nossas forças, e capta a atenção de Deus. Talvez você tenha no computador o esboço de uma grande ideia para sua igreja ou área de trabalho. O que impede você de implementá-la? Em vez de esperar as circunstâncias certas, mude suas circunstâncias. As pessoas podem não erguer uma es-

tátua em sua homenagem, mas seu Criador sorrirá. Faça algo!

Troque o medo pela fé

“Jônatas disse a seu escudeiro: ‘Vamos ao destacamento daqueles incircuncisos. Talvez o Senhor aja em nosso favor, pois nada pode impedir o Senhor de salvar, seja com muitos ou com poucos’” (v. 6).

É natural, e até saudável, ter algum temor. Antes de agir sobre uma visão recebida de Deus, se você não ficar um pouco apreensivo, então provavelmente essa visão não tenha sido originada em Deus. Se você já soubesse o que poderia fazer, por que necessitaria de Deus? Mas, se você esperar que cesse o temor, antes de alguma grande realização, provavelmente jamais o consiga. Um visionário tentará grandes coisas, apesar do temor.

A fé motivou Jônatas à ação. Ele disse: “Vamos!” Mas, escondeu na fé uma crise de dúvida: “Talvez o Senhor aja em nosso favor.” Como parte de Seu plano, algumas vezes Deus nos permite experimentar turbulências antes de triunfar, de modo que, no fim do dia, compreendamos que nada fizemos por nós mesmos.

Cedo em meu ministério, ouvi esta declaração: “Se Deus não estiver totalmente envolvido no que você está fazendo, isso será absolutamente inútil e está destinado ao fracasso.” O que você fez neste ano, que o tirou de sua zona de conforto? Que riscos, sem precipitação, você tem proposto às pessoas que você lidera? Que ideia ousada e inovadora, fora do comum, você implementou? Use o pincel de Deus e repinte o quadro com vivas cores. Descubra a paixão pela vida em tudo o que você fizer. Você foi planejado para experimentar paixões audaciosas.

O poder de muitos

“Disse o seu escudeiro: ‘Faze tudo o que tiveres em mente; eu irei contigo.’” (v. 7).

Jônatas compreendeu que, embora julgemos ser mais fácil fazer

algo sozinhos, é mais efetivo quando envolvemos outras pessoas. Há uma pequena palavra, com grande poder, e essa palavra é a conjunção “e”. Uma coisa é dizer: “Eu”. Outra coisa é dizer: “Eu e minha igreja”. O que nós falhamos em compreender algumas vezes, em nossa sociedade polarizada, é que necessitamos uns dos outros. A unidade de muitos multiplica o impacto.

“Deus nos chama para fazer alguma coisa. Ação é mais importante que discursos, gráficos, ideias, opiniões e desejos”

Deus nos criou para comunidade. Ele partilha enfaticamente que uma visão deve ser dada primeiramente ao líder, mas não exclusivamente. Uma visão certa, partilhada com a pessoa certa, no tempo certo e com o objetivo certo será executada da melhor forma, em menos tempo. Nesta vida, necessitamos de mentores, pessoas sábias a quem possamos ouvir. Eles têm experiência e podem nos ajudar a encontrar maneiras de tratar com todas as situações. Também necessitamos de amigos, pessoas afetuosas nas quais podemos nos apoiar. Elas podem não ter todas as respostas, mas conhecendo-as, sabemos que podem fazer diferença.

A fim de cumprir a missão que o Senhor nos confiou, necessitamos de todas as pessoas. Tradicionais e contemporâneas, homens e mulheres, jovens e adultos, de primeira e segunda geração, colegas credenciados e irmãos voluntários. Somos uma igreja. Quando nos atacamos, criamos confusão nos jovens, desencorajamos os mais experientes e retardamos o progresso.

Hoje, oro pedindo que Deus conceda a você uma visão clara, ajudando-o a desenvolver um plano sustentável, e continue guiando você na liderança de um povo que precisa ver as coisas antes que elas aconteçam. ▀



A Reforma e o princípio *Sola Scriptura*

Por que os reformadores protestantes se empenharam tanto na defesa da Bíblia como única regra de fé e prática

O princípio *Sola Scriptura* ganhou visibilidade durante a Reforma Protestante. Foi empregada para estabelecer a Bíblia como única autoridade normativa das crenças e práticas cristãs. De fato, a frase era comum desde a Idade Média.¹ Entretanto, o contexto em que ela tem sido usada cria nuances de significado que não devem ser confundidas. Neste artigo, focalizamos o significado da frase conforme foi usada na Reforma, explorando seu intento e suas motivações.

A intenção

O nome de Martinho Lutero está tão intimamente ligado ao conceito *Sola Scriptura* que é impossível discuti-lo sem fazer referência a ele. A ideia foi o centro da luta de Lutero com a Igreja Católica Romana, mas essa não foi uma luta pelo reconhecimento formal da autoridade da Bíblia. Como padrão da verdade revelada, a Bíblia tinha sido reconhecida através dos séculos, incluindo a era católica medieval. Assim, Lutero compartilhou com seus oponentes as

suposições teológicas de autoridade normativa formal da Bíblia.² Contudo, sua negação da compatibilidade entre a Bíblia e a hermenêutica tradicional da Igreja Romana representou sua ruptura com a teologia medieval.

No âmago do princípio *Sola Scriptura* estava a questão da interpretação, o direito de compreender a Bíblia. A Reforma se opôs “à arbitrariedade que desprezava o reconhecimento das Escrituras como Palavra de Deus, negligenciando sua autoridade concreta”.³ Em contraste com

outros princípios de interpretação, no contexto da reforma, *Sola Scriptura* focalizou a atenção sobre a Bíblia.

Nos dias de Lutero, o maior princípio de interpretação rival era a tradição. É importante lembrar que, primeiramente, Lutero não criticava a tradição como fonte de autoridade religiosa. Sua forte denúncia era contra o uso dela como princípio de interpretação. Ele confrontou a ideia de que as Escrituras podem ser corretamente entendidas apenas por alguns. John M. Headley captou a essência do princípio da tradição, combatido por Lutero, ao mencionar que “tal princípio leva ao sepultamento das Escrituras e à imersão da teologia nos comentários humanos, onde os sofistas buscam não a substância das Escrituras, mas o que eles podem observar nelas.”⁴ Ver o princípio *Sola Scriptura* como crítico da hegemonia da tradição sobre a Bíblia realça a importância do termo *sola*.

Esse termo aborda a intenção crítica dos reformadores ao papel da Bíblia na Igreja. Geralmente é aceito que, para Lutero e os reformadores, “*Sola Scriptura* se refere à Bíblia como fonte e norma do evangelho cristão... fonte e norma da doutrina da igreja”.⁵ Assim, *Sola Scriptura* interpreta a Bíblia como *norma normans* (a norma sobre todas as normas), não *norma normata*, ou seja, governada por outras normas, a exemplo da tradição, da razão ou da experiência religiosa. Entretanto, a fim de se apreciar plenamente a função da interpretação bíblica *sola Scriptura* na igreja, deve ser notado que o princípio implica certa “geografia lógica”.

Nas palavras de Graham Cole, “*Sola Scriptura*, em perspectiva sistemática, é um enredo de perfeições das Escrituras. O apelo à Bíblia somente faz pouco sentido se as Escrituras não tiverem autoridade, for desnecessária para o bem-estar humano, obscura em significado ou insuficiente em termos de seu propósito divino”.⁶ A autoridade da Bíblia, sua necessidade, clareza e suficiência constituem-se no que tradicionalmente é conheci-

do como “perfeições das Escrituras”. Falar sobre as Escrituras sem tais perfeições é deixar de captar a profundidade de assuntos que o conceito foi designado para combater.

“As Escrituras funcionam como a norma final para avaliar e julgar a tradição, a razão, a experiência e assim por diante”

Autoridade

As palavras de Lutero em Worms (18/04/1521) representavam a visão dos reformadores sobre a autoridade da Bíblia, ligada ao conceito *sola Scriptura*: “Não posso submeter minha fé quer ao papa quer aos concílios, porque é claro como o dia, que eles têm frequentemente errado e se contradito um ao outro. Portanto, a menos que eu seja convencido pelo testemunho das Escrituras ou pelo mais claro raciocínio; a menos que eu seja persuadido por meio das passagens que citei; a menos que assim submetam minha consciência pela Palavra de Deus, não posso retratar-me e não me retratarei, pois é perigoso a um cristão falar contra a consciência. Aqui permaneço, não posso fazer outra coisa; Deus queira ajudar-me. Amém!”⁷ Comentando essa afirmação, disse J. I. Parker: “O que Lutero falou em Worms mostra a motivação essencial e a preocupação teológica e religiosa da Reforma Protestante, ou seja, que somente a Palavra de Deus deve governar e nenhum cristão deve fazer mais que entronizá-la na mente e no coração.”⁸

Já mencionamos que Lutero e seus oponentes afirmaram a autoridade formal da Bíblia. Também vimos que a ruptura de Lutero com os oponentes consistiu em sua negação da presunção de que os ensinamentos tradicionais da Igreja estavam de acordo com a Bíblia. Agora podemos estabelecer de maneira mais sucinta que, com o princípio *Sola Scriptura*, Lutero insistia em que a Bíblia é sua

própria intérprete. O contexto histórico é digno de menção. Havia-se desenvolvido uma tradição apostólica fictícia que não apenas considerava a Igreja como fonte do conhecimento teológico, mas a tratava como “o fundamento necessário para a autoridade da Bíblia, e como o indispensável guia para a interpretação das Escrituras”.⁹ Evidentemente, a autoridade da Bíblia não necessita de procuração. A doutrina das perfeições das Escrituras, em geral, foi desenvolvida para contrabalançar essa tendência. Mais especificamente, a autoridade das Escrituras, como uma dessas perfeições, enfatiza a natureza da autoridade bíblica, isto é, “que por sua própria luz, as verdades da Bíblia se autenticam como divinas”.¹⁰

Necessidade

Outra das perfeições das Escrituras, a necessidade das Escrituras, foram designadas para combater duas tendências. Por um lado, havia a autossuficiente garantia da Igreja Católica Romana, em relação à Bíblia, no sentido de que, embora necessitando da tradição, não necessitava das Escrituras, apesar de professá-las uma norma. Pois, “de acordo com Roma, é mais correto dizer que a Bíblia necessita mais da igreja, do que a igreja necessita da Bíblia”.¹¹ Por outro lado, houve grupos, como os Cátaros, para quem a Bíblia era realmente superflua. Ao exaltar a palavra interna contra a externa, e considerando a Bíblia não como Palavra de Deus mas como testemunho, esses grupos consideravam a real Palavra de Deus aquela que era falada pelo Espírito Santo ao coração dos filhos de Deus.

Contra as duas tendências, os reformadores insistiam na necessidade da Palavra escrita de Deus. Assim, eles não estavam favorecendo a teoria da necessidade absoluta. Seu ponto era enfatizar a necessidade da palavra escrita como testemunha da revelação divina. A natureza das Escrituras como testemunha dessa revelação torna isso necessário. Estando além do esforço humano

realizar por si mesmo o verdadeiro conhecimento de Deus, a revelação divina é necessária e isso é o que as Escrituras proveem.

Clareza

No contexto da luta dos reformadores com a Igreja Católica Romana, a noção de clareza das Escrituras atingiu o coração do debate. Atribuir alguma autoridade ou necessidade à Bíblia, que é obscura, não faria sentido. No tempo dos Reformadores, havia sido alimentada a ideia de obscuridade das Escrituras, razão pela qual as pessoas não eram encorajadas a lê-las. “Em 1199, Inocêncio III declarou que a leitura da Bíblia devia ser recomendada, mas a leitura feita sem supervisão do sacerdote não devia ser tolerada, porque a profundidade das Escrituras é tal que nem o iletrado nem o douto podem captar seu significado.”¹² O Sínodo de Toulouse (1929) também havia proibido o laicato de ler o Antigo e o Novo Testamentos com propósitos devocionais, exceto o Saltério.¹³

A suposta obscuridade das Escrituras também foi a razão pela qual os pais da Igreja, concílios e papas foram elevados à condição de intérpretes últimos. A clareza das Escrituras não significa simplicidade. A questão crítica tem que ver com a diferença entre proposições e afirmações. Para Lutero, as Escrituras expressam de maneira absolutamente clara as proposições sobre seus assuntos, embora algumas afirmações possam não ser claras para nós, por causa de nossa ignorância do seu vocabulário e gramática.¹⁴

Suficiência

É importante notar que a questão da suficiência das Escrituras foi o antecedente imediato para *Sola Scriptura*. Na verdade, o *sola* foi planejado para realçar sua suficiência. As várias doutrinas, instituições e tradições que a igreja pôs em prática sem base na Bíblia foram indicações para os reformadores de que Roma considerou a Bíblia insuficiente.¹⁵ Na polêmica da situação da Reforma, a suficiência

tem sido tradicionalmente descrita como um entrelaçamento do princípio *Sola Scriptura* com as Escrituras e o princípio da tradição. Heiko Oberman formalizou esse choque como conflito entre Tradição I e Tradição II. Assim ele contrasta os dois conceitos:

“No primeiro caso, a exclusiva autoridade das Santas Escrituras é mantida como o cânon, ou padrão da verdade revelada, de tal maneira que as Escrituras não são contrastadas com a tradição... No segundo caso, argumenta-se que os apóstolos não consignaram tudo para ser escrito... os autores bíblicos relataram o que Cristo disse e fez durante Sua vida terrestre, mas não o que Ele ensinou aos discípulos durante o período entre a ressurreição e a ascensão. Durante aqueles quarenta dias, uma tradição oral originou o que deve ser considerado complemento às Santas Escrituras.”¹⁶

Os reformadores tomaram clara posição contra a Tradição II. Mas, podia a posição tomada sobre a suficiência das Escrituras ser enquadrada com a Tradição I? Para Keith Mathison, “o caso pode ter feito com que os reformadores aderissem à Tradição I.”¹⁷ Por sua vez, A. N. S. Lane estabeleceu uma sistemática de quatro componentes: A visão Coincidente (tradição coincide com as Escrituras; conforme a Tradição I); e visão Suplementar (tradição é uma segunda fonte de revelação, conforme a Tradição II); a visão Auxiliar (tradição é um acréscimo à interpretação das Escrituras) e a visão Desdobrada (tradição é o processo pelo qual o significado da doutrina apostólica é gradualmente desdobrado).¹⁸

Lane identifica a posição dos reformadores com a visão auxiliar. Na tentativa de avaliar a posição dos reformadores em relação à Tradição I, dois pontos críticos poderiam ser estabelecidos. Embora a Bíblia seja mantida como fonte exclusiva de revelação e a autoridade final para doutrina e prática, deve ser interpretada na igreja e pela igreja, e deve ser interpretada de acordo com a regra de fé.

A declaração de Lutero sobre papas e concílios, feita em Worms, pareceria negar a validade da Tradição I. Aparentemente, embora Lutero não estivesse disposto a seguir o caminho da interpretação subjetiva das Escrituras, e ainda reconhecesse como válidas algumas tradições, ele estava igualmente disposto a submeter *formalmente* a autoridade bíblica à tradição da Igreja, ou concílios, ou aos papas. Porém, Greg Krehbiel contrariou o pensamento de Mathison sobre a posição dos reformadores, a respeito da Tradição I: “Mas Lutero foi além. Ele disse: ‘Não aceito a autoridade de papas e concílios.’ O que quer que ele possa ter dito, essa é a mensagem do luteranismo: os concílios não têm nenhuma autoridade.”¹⁹

Do ponto de vista da suficiência da Bíblia, o conceito *Sola Scriptura*, de Lutero, parece desafiar as categorizações de Oberman. Ele negou os dois extremos dos reformadores radicais que nada teriam que ver com a tradição ou Igreja (Tradição I) e a posição da Igreja Católica Romana que incluiu as Escrituras na tradição (Tradição II). E, como tem sido apontado até aqui, a posição de Lutero também não concordava com a Tradição I. Em tudo isso, o que parece claro é o distintivo intento do conceito *Sola Scriptura*. Como disse Graham Cole, “a lógica do *sola* tem que ver com a exclusão dos rivais. Seu uso indica a presença de um princípio restritivo”.²⁰

A motivação

Por que a Bíblia era fonte autorizada para os reformadores? Como já foi dito, a questão entre Lutero e seus oponentes ia além da autoridade normativa das Escrituras. A ruptura de Lutero com a teologia patrística e medieval centralizou-se na rejeição da assumida congruência entre a Bíblia e a interpretação dela por meio da tradição. No centro do conflito estava a compreensão correta da Bíblia, que tem que ver com o conteúdo da Bíblia. Segue-se que, para Lutero, a questão-chave, e

talvez sua primária motivação para defender o *sola Scriptura*, não estava relacionada com a autoridade formal das Escrituras. Por autoridade formal entenda-se a autoridade que pertence à Bíblia em virtude de seus atributos divinos.

A distinção entre os aspectos material e formal da Bíblia se refere à compreensão de Lutero sobre a frase “Palavra de Deus”. Lutero usava os termos “palavra”, “Escrituras” e “evangelho” no mesmo contexto, sem distingui-los claramente. Para ele, a Palavra de Deus era um termo abrangente que assumia três formas: A Palavra viva (Cristo), a Palavra falada (o evangelho) e a Palavra escrita (as Escrituras). Essas formas são distintas e classificadas nessa ordem. Todavia, nessa esquematização estava claro que a Escritura, a Palavra escrita, tinha um *status* servidor a Cristo, a Palavra pessoal. Assim, o argumento de Lutero contra seus adversários tomava a seguinte forma: “Portanto, se os adversários colocam as Escrituras contra Cristo, nós realçamos Cristo. Nós temos o Senhor, eles têm o servidor; temos a Cabeça, eles têm os pés ou membros, sobre os quais a Cabeça necessariamente domina e tem precedência.”²¹

Com isso, atingimos o âmago da compreensão de Lutero sobre a Bíblia e sua autoridade. Isso parece explicar a ênfase que ele deu ao princípio material de autoridade bíblica. Para ele, era impossível escrever formalmente sobre a Bíblia sem seu conteúdo, Jesus Cristo e o evangelho. A potência do princípio material de Lutero sobre a autoridade bíblica está evidente em sua avaliação dos livros bíblicos. Por exemplo, sobre essa base, a epístola de Tiago foi chamada de “a epístola de palha”, porque não menciona a paixão, a ressurreição ou o Espírito de Cristo.²² Semelhantemente, o *status* canônico do livro de Apocalipse foi questionado. Nesse caso particular, inicialmente pareceu que a inspiração teria sido fator decisivo, pois afirmou: “Não posso detectar, de forma nenhuma, que o

Espírito Santo tenha produzido isto.” Porém, torna-se claro que a inspiração não foi o fator crítico, quando ele observou: “Para mim, isto é razão suficiente para não considerá-lo [o livro de Apocalipse]: Cristo não é ensinado nem conhecido nele; e ensinar Cristo é algo que todo apóstolo foi comissionado a fazer.”²³

Diante disso, qual era a lógica ou motivação para Lutero haver estabelecido o princípio *Sola Scriptura*? A resposta depende do significado que alguém atribua às Escrituras. Para Lutero, elas eram a forma escrita da Palavra pessoal, de quem são servas. Na Palavra escrita está a proclamação da Palavra pessoal, o evangelho, que é o coração da Bíblia. O evangelho, conforme revelado nas Escrituras é a autoridade interpretativa, um princípio material de autoridade. Esse é o evangelho usado por Lutero para testar os decretos de papas e concílios, e encontrá-los deficientes. Essa ideia é o “cânon dentro do cânon”, um conceito atribuído a Lutero. O princípio “Somente as Escrituras”, de Lutero, tinha em seu núcleo o *Solus Christ*, “Cristo somente”. Sua motivação para defendê-lo era o valor inestimável do evangelho proclamado pelas Escrituras.

Essa exposição sobre a ênfase cristológica de Lutero no conceito *Sola Scriptura* não contradiz sua crença na inspiração da Bíblia. Não se pode invocar a autoridade de Lutero para apoiar a visão de que as Escrituras não são a verdadeira Palavra e autêntica revelação de Deus. Muito menos é possível, em nome de Lutero, colocar em xeque a Palavra escrita, a Palavra personificada e a Palavra falada.²⁴ A preocupação dos reformadores quanto à cuidadosa exegese e um clero bíblicamente instruído revela sua elevada consideração pelas Escrituras. Todavia, aparentemente por causa da hegemonia dos pais da Igreja, papas e concílios, por pessoas que também aceitaram a autoridade formal da Bíblia, talvez Lutero se encontrasse superenfaticando a autoridade material das Escrituras.

Embora Lutero possa ter superestimado alguns aspectos do princípio *Sola Scriptura*, ele corretamente estabeleceu a Bíblia diante daqueles que a reconheciam como Palavra de Deus, mas negligenciavam sua autoridade concreta. Finalmente, *Sola Scriptura* implica que a Bíblia permanece única e acima de outras autoridades. Isto é, como norma não regida por outras normas, as Escrituras funcionam como a norma final para avaliar e julgar a tradição, a razão, a experiência e assim por diante. Como adventistas do sétimo dia, é nosso privilégio dar continuidade a esse princípio da Reforma, manter a autoridade, aceitar a necessidade e reconhecer a clareza das Escrituras. ▮

Referências:

- ¹ Heiko A. Oberman, *The Harvest of Medieval Theology* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1963), p. 390.
- ² David W. Lotz, *Sola Scriptura: Luther on Biblical Authority Interpretation 35/3* (1981), p. 266.
- ³ Keith A. Mathison, *The Chape of Sola Scriptura* (Moscow, ID: Canon Press, 2001), p. 99.
- ⁴ John M. Headley, *Luther's View of Church History* (New Haven, CT: Yale University Press, 1963), p. 82.
- ⁵ Graham Cole, *Churchman 104/1* (1990).
- ⁶ *Ibid.*, p. 12.
- ⁷ Citado em Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 160.
- ⁸ J. I. Packer, em John W. Montgomery, ed., *God's Inerrant Word: An International Symposium on the Trustworthiness of Scripture* (Minneapolis, MN: Bethany Fellowship, 1973), p. 44.
- ⁹ Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1996), p. 163.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 164.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 166.
- ¹² F. E. Mayer, *Concordia Theological Monthly 22/5* (1951), p. 326.
- ¹³ *Ibid.*
- ¹⁴ Erling T. Teigen, *Concordia Theological Quarterly 46* (1982), p. 148.
- ¹⁵ G. C. Berkouwer, *Holy Scripture* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1975), p. 302.
- ¹⁶ Heiko Obernam, *Forerunners of the Reformation: The Shape of Late Medieval Thought* (Londres: Lutterworth Press, 1967), p. 60.
- ¹⁷ Keith A. Mathison, *Op. Cit.*, p. 85.
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 86.
- ¹⁹ <http://www.crowhill.net/Mathison.html>, acessado em 30/04/2012.
- ²⁰ Graham Cole, *Op. Cit.*, p. 24, 25.
- ²¹ *Luther's Works* (Minneapolis: Fortress, 1960), 34:112.
- ²² *Ibid.*, 35:396.
- ²³ *Ibid.*, p. 398, 399.
- ²⁴ J. I. Packer, *Op. Cit.*, p. 263.



Professora de Teologia e editora, jubilada, reside na Califórnia, Estados Unidos

Quem foi Júnias?

“Saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo. São notáveis entre os apóstolos, e estavam em Cristo antes de mim” (Paulo)

O nome *Júnias* aparece apenas uma vez no Novo Testamento, em uma lista de amigos e colaboradores de Paulo em Roma, aos quais ele enviou saudações (Rm 16). Através dos anos, têm sido levantadas perguntas sobre sua identidade, ocupação e, especialmente, seu gênero (masculino ou feminino). Neste artigo, analisaremos algumas dessas questões e também as implicações das respostas.

O texto original grego de Romanos 16:7 diz o seguinte: “Saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo. São notáveis *em/pelos/entre* os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim.”¹ Coloquei em itálico os termos *em/pelos/entre*, porque a identidade de Júnias é encontrada na interpretação dessas palavras. Aqui, os nomes gregos *Andrónikon* e *Iounían*, que estão no modo acusativo (objeto direto), por causa do verbo “saudar”, foram traduzidos como Andrônico

e Júnias (como se estivessem no caso nominativo, que seriam escritos como *Andrónikos* e *Iounias*). O outro nome, *Iounían*, também no acusativo, é problemático.

A diferença entre o masculino *Iounían* e o feminino *Iounian* é apenas um acento. Na verdade, os mais antigos manuscritos, os unciais, são escritos em letras capitais, sem acentos. Consequentemente, os dois gêneros deviam ser *IOUNIAN*, deixando o leitor decidir qual seria o gênero de Júnias.

Para elucidar essa questão, consideraremos o uso do nome na antiguidade, as referências a Júnias, feitas pelos antigos escritores cristãos, e o nome nos antigos manuscritos gregos do Novo Testamento.

Na antiguidade

Apesar da declaração de Wayne Grudem e John Piper, de que Júnias não era um nome feminino comum no mundo de fala grega,² esse era

um nome feminino romano comum. Seu significado era “juvenil”, “moço”, “jovem”. Derivado da deusa Juno, o nome aparece mais de 250 vezes nos registros de Roma, somente no primeiro século.³ É um nome frequentemente encontrado em lápides,⁴ que também aparece em inscrições do primeiro século em Éfeso, Didyma, Lídia, Bitínia e Trôade.⁵ A mais conhecida Júnias é meio-irmã de Brutus e esposa de Cassius.⁶

Se o nome fosse masculino, deveria ser *Junias* em grego, ou *Junius* em latim. O nome *Junius* é bem comprovado. Entretanto, não há comprovação para *Junias* em nenhuma “inscrição, documento, escritura, epitáfio ou obra literária do período do Novo Testamento”.⁷ Alguns têm sugerido que *Iouniás* deve ter sido uma forma reduzida de *Iounianós*, mas esse nome também não é evidente.⁸ De acordo com Linda Belleville, “*Iouniás* como contração de *Iounianós* originou-se no mundo de fala inglesa com Thayer”.⁹

Primeiras referências cristãs

Em seu comentário sobre Romanos, Joseph Fitzmyer enumerou 16 escritores cristãos gregos e latinos, do primeiro milênio, que compreendiam Júnias em Romanos 16:7 como sendo mulher. Entre esses, o mais antigo é Orígenes, cujo comentário sobre Romanos foi traduzido por Rufino, em latim, e citado por Rabanus Maurus.¹⁰ Em seu *Liber de Nominibus Hebraicis*, Jerônimo enumera nomes como Júnias.¹¹

De João Crisóstomo a Pedro Abelardo, comentaristas gregos e latinos da epístola aos romanos usaram o nome feminino Júnias. As únicas exceções foram Ambrosiastro (no fim do quarto século) e Atto de Vercelli (925-960), que usaram Júlia.¹²

Aqueles que argumentam ser Júnias um personagem masculino insistem muito no *Index Discipulorum*, atribuído a Epifânio, onde Júnias aparece como tal. Entretanto, Belleville nota que Epifânio também se referiu a Priscilla como personagem masculino e bispo de Cólofon, enquanto Áquila, esposo dela, foi bispo de Heracleia – dois lugares diferentes. “A confusão dos dois gêneros e a discrepância entre as duas cidades minam a credibilidade do documento”.¹³

Egídio de Roma foi o primeiro escritor da igreja a se referir a Andrônico e Júnias como “aqueles honoráveis homens”.¹⁴ É interessante lembrar que isso corresponde ao tempo em que o papa Bonifácio VIII decretou em 1298 que todas as freiras deveriam ser permanentemente enclausuradas.¹⁵

Antigos manuscritos gregos

Se o escriba de um manuscrito uncial pretendesse escrever *Iouní-an* ou *Iounián*, isso era secundário. As letras deveriam ser maiúsculas e sem acento: *IOUNIAN*. O gênero dessa pessoa devia ser descoberto em outra fonte.

Os manuscritos em minúsculas começaram a aparecer depois do sétimo século. Na verdade, os ma-

nuscritos unciais foram recopiados em minúsculas, forçando o uso de acentos. Esses manuscritos continham *Iouní-an*, identificando Júnias como nome feminino. De acordo com Eldon Epp, nenhum manuscrito grego em minúsculas usou o masculino *Iounián*.¹⁶

O UBS *Greek New Testament* anota pelo menos 20 manuscritos do Novo Testamento, em minúsculas, que usam o feminino *Iouní-an*. Entre esses, os mais antigos são o 081 (de 1044) e o 104 (de 1087). O mais recente é o 2200 do século 14.¹⁷

Nos manuscritos e escritos do Novo Testamento sobre o capítulo 16 de Romanos, mais de uma vez o nome Júnias, do verso sete, é dado como Júlia, que aparece depois em Romanos 16:15. Isso pode ser visto no manuscrito uncial P46, aproximadamente do ano 200.¹⁸ Júlia é um nome feminino.

Richard Bauckham conjectura que Júnias, de Romanos 16:7, possa ser a mesma Joana mencionada em Lucas 8:3; 24:10. Seu nome romano devia ser mais fácil de ser pronunciado, e seu relacionamento com Jesus a identificava como cristã, antes de Paulo. Andrônico seria um segundo marido de Joana, ou outro nome dado a Chuza, primeiro marido dela.¹⁹

Novo Testamento grego

De acordo com a lista de Epp, 38 Novos Testamentos gregos, entre os anos 1516 e 1920, usam o nome *Iouní-an*, indicando gênero feminino para Júnias. Durante aquele tempo, houve apenas uma exceção: Alford, no século 19, usou o modo masculino, mas colocou o feminino como alternativa.²⁰

Desde a versão de Nestle, em 1927, passando pelo UBS *Greek New Testament*, de 1933, apenas o *Hodges-Farstad New Testament*, de 1982, usa o feminino. As outras 14 versões usam o masculino, frequentemente sem explicação alternativa. Essa tendência foi revertida em 1994, com as versões de Kurt Aland (1994) e do UBS (1998) que retornaram ao feminino sem leitura alternativa.²¹

Traduções modernas

As sete mais antigas versões inglesas, de Tynbale (1525-1534) a KJV (1611), todas apresentam Júnias sendo mulher. Da *Revised Version* (1881) até a *Nova Tradução Livre* (1996), 21 traduções inglesas mostram o gênero masculino, embora dez mencionem o feminino.²²

Algumas recentes traduções inglesas ainda usam o gênero masculino, certamente porque sua fonte original assim fazia, e o gênero masculino estava no Novo Testamento grego traduzido por essas versões. Tais são os casos do francês Louis Segond, a espanhola *Bíblia de las Américas*, a revisão de 1995 da Rainha Valéria, a *New American Standard Bible*, a *versão Inglesa Contemporânea* e a *Bíblia Mensagem*, entre outras.

Entre eles ou um deles

Para alguns, a frase grega *episémoi en* tem sido problemática. É Júnias um dos apóstolos? Ou ela é reconhecida pelos apóstolos? A Vulgata Latina tem Júnias como “notável entre os apóstolos” (*nobiles in apostolis*).

Em seu comentário sobre Romanos 16:7, João Crisóstomo escreveu o seguinte sobre Andrônico e Júnias: “Que são dignos de nota entre os apóstolos. De fato, ser apóstolo é uma grande coisa. Mas estar entre os notáveis, que grande elogio! Mas eles eram notáveis por causa de suas obras e realizações. Quão grande era a devoção desta mulher, para que ela fosse achada digna do título de apóstolo!”²³

Até o fim do século 19, houve pouca discussão sobre o apostolado de Júnias. William Sanday e Arthur Headlam, anotaram em seu comentário sobre Romanos: “Júnias é, de fato, um nome romano comum e nesse caso os dois provavelmente seriam esposo e esposa. Por outro lado, como nome masculino, Júnias era menos comum... Se, como é provável, Andrônico e Júnias estavam incluídos entre os apóstolos... é mais provável que o nome tenha sido masculino.”²⁴

O adjetivo *episémoi* se refere a alguma coisa que tem marca distintiva.

Pode ser usado como sinal de que uma coisa ou pessoa é considerada muito boa, notável, famosa, como em Romanos 16:7, ou muito má, infame, como é aplicada a Barrabás (Mt 27:16), onde o termo é traduzido pela NRSV como “notório”.²⁵ Aproximadamente no início do ano 1900, a ideia de que o nome fosse Júnias, uma mulher estimada pelos apóstolos apareceu em comentários de vários autores.²⁶ Considerando que somente homens podiam ser apóstolos, Júnias não podia ser apóstola, mas podia ser muito estimada por eles.

Em 1994, o *Comentário Textual* para o UBS *Greek New Testament* dizia o seguinte: “Considerando a impossibilidade de uma mulher ser uma entre os apóstolos, alguns membros [da comissão do UBS] entenderam o nome como sendo masculino.”²⁷ Evidentemente, o ponto crucial do problema é a preposição *en*, que pode ser traduzida como “entre”; “com”; ou “pelos”.²⁸ A palavra indica lugar e normalmente é seguida de uma palavra no caso dativo (objeto indireto).

Qual é o significado de *en* no texto em apreço? Foram Andrônico e Júnias reconhecidos como apóstolos? Eram eles notáveis entre os apóstolos (visão *inclusiva*)? Ou foram reconhecidos pelos apóstolos como cristãos notáveis, mas não apóstolos (visão *exclusivista*)?

Em 2001, Michael Burer e Daniel Wallace apresentaram um reexame de Romanos 16:7, e propuseram que Júnias era mulher e que ela e Andrônico eram admirados pelos apóstolos. Depois de destacar o que percebiam ser um erro daqueles que tomavam a posição inclusiva, esses comentaristas encontraram evidência para a sua própria visão exclusivista, no estudo de documentos antigos.²⁹ *Episémōi en tois apostólis* devia significar “notáveis pelos apóstolos”. As três principais respostas dadas a essa proposição vieram de Bauckham, Belleville e Epp.

Bauckham analisou o estudo feito por Burer e Wallace, e mudou suas conclusões.³⁰ Belleville reaplicou

o mesmo estudo e apresentou evidências bíblicas para o erro daqueles autores. Mostrou que a preposição *en* acompanhada pelo dativo normalmente é inclusiva. Também descobriu paralelos helenísticos da frase *episémōi en tois*, claramente inclusivos. Para Belleville, Júnias era mulher e foi apóstola.³¹ Em 2002, Eldon Epp escreveu um extenso artigo que se tornou base para seu livro publicado em 2005: *Júnias: A Primeira Mulher Apóstola*. Nele, Epp apresenta uma bem documentada argumentação favorável a essa ideia.³²

Os apóstolos

A grande questão é: Quem são esses apóstolos? Obviamente, não são os doze. Em 1 Coríntios 12:28, Paulo se refere ao dom espiritual do apostolado. Teriam Andrônico e Júnias recebido esse dom? Sabemos muito pouco, além do significado da palavra *apóstolos* – “alguém que é enviado”. Se Andrônico e Júnias foram enviados ou comissionados, quem os enviou?

Richard Bauckham sugere que Paulo se refere aos apóstolos de Cristo, como ele mesmo, que foram comissionados pelo Cristo ressuscitado e que, com os doze dos Sinóticos, formam um grupo maior.³³ Orígenes defendeu que Júnias e Andrônico estavam entre os setenta e dois enviados por Jesus.³⁴

Craig Keener diz o seguinte: “Não é natural ler nesse texto que eles tinham apenas elevada reputação com os apóstolos... Em nenhum lugar Paulo limita a companhia apostólica aos doze e a ele mesmo, como alguns têm defendido.”³⁵

É difícil concluir este estudo sem mencionar que Paulo estava se referindo a uma mulher chamada Júnias, que, com Andrônico (provavelmente seu marido) participou do grupo de apóstolos do Novo Testamento. Paulo a reconheceu como tal, uma mulher disposta a sofrer pelo evangelho que ela incansavelmente anunciava. ▀

Referências:

¹ Tradução da autora.

² Wayne Grudem e John Piper, *Recovering*

Biblical Manhood and Womanhood: A Response to Evangelical Feminism (Wheaton, IL: Crossway Books, 1991), p. 79-81.

³ Joyce Salisbury, *Encyclopedia of Women in the Ancient World* (Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2001), s. v. “Junia”.

⁴ Linda Belleville, *Discovering Biblical Equality* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), p. 117.

⁵ _____, *New Testament Studies* 51 (2005), p. 241.

⁶ *Ibid.*, p. 234.

⁷ Linda Belleville, *Discovering Equality Biblical*, p. 117.

⁸ Eldon Epp, *Junia: A First Woman Apostle* (Mineápolis, MN: Fortress Press, 2005), p. 26-28.

⁹ Linda Belleville, *New Testament Studies*, 239.

¹⁰ Joseph Fitzmyer, *Anchor Bible* (Nova York: Doubleday, 1993), v. 33, p. 737, 738.

¹¹ www.documentcatholicaomnia.eu/02/0347-0420_Hieronymus_Liber_De_Nominibus_Hebraicis_MLT.pdf; acessado em 14/05/2013.

¹² Ute Eisen, *Women Officeholders in Early Christianity: Epigraphical and Literary Studies* (Colleville, MN: Liturgical Press, 2000), p. 47.

¹³ Linda Belleville, *New Testament Studies*, p. 235.

¹⁴ Bernadette Brooten, *Women Priests: A Catholic Commentary on the Vatican Declaration* (New York: Paulist Press, 1977), www.womenpriests.org/classic/brooten.asp.

¹⁵ Ute Eisen, *Op. Cit.*, p. 47.

¹⁶ Eldon Epp, *Op. Cit.*, p. 45.

¹⁷ United Bible Societies, *The Greek New Testament* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993), p. 564.

¹⁸ Bruce Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (Stuttgart: Unite Bible Societies, 1971), p. 539.

¹⁹ Richard Buckham, *Gospel Women: Studies of the Named Women in the Gospels* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002), p. 109-202.

²⁰ Eldon Epp, *Op. Cit.*, p. 62, 63.

²¹ *Ibid.*

²² *Ibid.*, p. 66.

²³ John Chrysostom, *Nicene and Post-Nicene Fathers* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, s/d), v. 11, www.ccel.org/ccel/schaff/npnf111.pdf, acessado em 26/08/2012.

²⁴ William Sanday e Arthur Headlam, *International Critical Commentary* (Edinburg: T&T Clark, 1895), v. 32, p. 423.

²⁵ Gerhard Kittel, Geoffrey Bromiley e Gerhard Friedrich, editors, *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964-1976), “*Episémōs*”.

²⁶ Eldon Epp, *Op. Cit.*

²⁷ Bruce Metzger, *Op. Cit.*, p. 322.

²⁸ *Theological Dictionary of the New Testament*, “*en*”.

²⁹ Michael Burer e Daniel B. Wallace, *New Testament Studies* 47 (2001), p. 76-91.

³⁰ Richard Buckham, *Op. Cit.*, p. 172-180, 246.

³¹ Linda Belleville, *New Testament Studies*, 242-247, 248; *Discovering Equality Biblical*, p. 119, 120.

³² Elton Epp, *New Testament Textual Criticism and Exegesis* (Leuven: Leuven University Press, 2002), p. 45.

³³ Richard Bauckham, *Op. Cit.*, p. 179, 180.

³⁴ Rena Pederson, *The Lost Apostle: Searching for the Truth About Junia* (San Francisco: Jossey-Bass, 2006), p. 36.

³⁵ Craig Keener, citado em Rebecca Merrill Groothuis, *Good News of Women: A Biblical Picture of Gender Equality* (Grand Rapids, MI: Baker, 1997), p. 195.



Pastor, professor e editor,
jubilado, reside na Califórnia

A Bíblia, a ecosfera e nós

“O Senhor deseja que tratemos a Terra como precioso tesouro a nós confiado” (Ellen G. White)

Cinquenta anos atrás, a bióloga norte-americana Rachel Carson publicou o livro *Silent Spring*, focalizando o prejuízo causado no planeta e em seus organismos vivos pelo uso de pesticidas químicos, particularmente os pássaros.¹ Esse livro, que foi amplamente lido e discutido, lançou o moderno movimento ambiental.

Poucos anos depois, em 1967, a revista *Science* publicou o texto de uma palestra do historiador Lynn White Jr., intitulada “As raízes históricas de nossa crise ecológica”. No texto, o autor afirma que “o cristianismo tornou possível explorar a natureza em um clima de indiferença para com os objetos naturais”.²

Embora Carson e White tenham sido criticados, o movimento ambiental continua a crescer e, às vezes, tem assumido características quase religiosas. Alguns cristãos creem que, uma vez que o mundo será destruído

na segunda vinda de Jesus, não deveríamos estar tão preocupados sobre o que acontece em nosso lar terrestre e suas criaturas.

Como deveriam os cristãos responder à degradação ambiental? O que as Escrituras nos ensinam sobre nossa responsabilidade para com a Terra e seus habitantes? Pastores adventistas, professores e outros envolvidos no ministério e na educação cristã são frequentemente solicitados a responder a essas perguntas. Então, necessitamos lembrar que a Bíblia apresenta uma cosmovisão sobre a origem, o significado, propósito e destino da criação de Deus e, particularmente, dos seres humanos.

Implicações para nossa abordagem

A cosmovisão bíblica tem claras implicações para a maneira pela qual nos relacionamos com nosso ambiente natural e suas criaturas. Como

disse o filósofo Douglas Groothuis, “a cosmovisão cristã nem deifica a natureza nem denigre seu valor. De acordo com a Bíblia, a criação não é divina e não deve ser cultuada. Porém, ela não é intrinsecamente má nem ilusória. Portanto, deve ser tratada com respeito”.³ Assim, a melhor abordagem à responsabilidade ambiental é teocêntrica – não antropocêntrica nem ecocêntrica – e firmemente alicerçada na Bíblia.⁴

Cuidadosa leitura da Bíblia revela que os seres humanos foram colocados por Deus em um relacionamento duplo com os animais criados por Ele. Por um lado, espera-se que cuidemos deles, assim como Deus cuida de nós. Por outro lado, partilhamos nossa origem com eles. Somos distintos de outras criaturas, mas temos um grau de afinidade com elas, desde que partilhamos o planeta com elas e também dependemos de Deus para nossa existência e nosso sustento.⁵

Tendo a Bíblia como fundamento, os conceitos mais significativos sobre maneiras pelas quais os cristãos devem se relacionar com a natureza e promover o bem-estar humano podem ser esboçados como segue:

Deus criou o mundo e continua cuidando dele. À semelhança do artista que se detém a contemplar sua obra-prima, o Criador olhou cada estágio de Seu trabalho e considerou “bom” o resultado (Gn 1:4, 10, 12, 18, 21, 25). Depois de criar o primeiro homem e a primeira mulher, e colocá-los em um perfeito *habitat*, cercado por uma luxuriante vegetação e seres vivos de todos os tipos, Ele supervisionou “tudo o que havia feito” e declarou tudo “muito bom” (Gn 1:31). Por duas vezes, Deus abençoou os seres vivos criados no quinto e no sexto dia (v. 22, 28).

Depois, Deus deu instruções específicas sobre o repouso sabático esquecido pelo solo para recuperar sua fertilidade; proveu diretrizes para o cuidado de árvores, aves e animais de carga (Lv 19:23; Dt 20:19, 20; 22:6, 7; 25:4); e assegurou provisão de alimento e repouso para os animais selvagens e domésticos (Êx 23:10-12; Jó 38:39-41; Sl 104:10, 11, 14, 21, 27, 28; 145:15, 16; 147:8, 9). Ele afirmou Sua exclusiva propriedade sobre tudo o que existe (Jó 41:11; Sl 50:9-11) e ordenou o cosmos, numa irrefutável evidência de Seu poder criador e mantenedor (Is 40:25, 26, 28; 45:12, 18).

Deus Se preocupou com o bem-estar não somente das pessoas de uma grande metrópole, mas também de seu rebanho (Jn 4:10, 11). Por tudo isso, não devemos destruir levemente o que Ele criou e mantém. Na verdade, de acordo com a Bíblia, no fim do tempo, Deus trará severo juízo sobre “os que destroem a Terra” (Ap 11:18).

Deus criou o cosmos e a vida na Terra como um sistema integrado e dinâmico. A ordenada sequência de eventos da primeira semana revela o extraordinário poder e inteligência do Criador, como pode ser visto na

interligação da ecossfera da Terra e a inter-relação do planeta e a vastidão do cosmos (At 17:24, 25; Rm 1:19, 20; Hb 11:3).

Os primeiros seis dias testemunharam o surgimento da luz, a separação entre águas da Terra e águas na atmosfera, o surgimento da terra seca, o gênesis de toda vegetação, a aparição do sol, lua, planetas e estrelas, bem como a criação de aves, criaturas marinhas e animais terrestres. Nos livros de Jó e Salmos, Deus descreve Seu papel mantenedor na operação regular do Universo e da vida neste planeta, e indica a interdependência do ecossistema global por Ele designado (Jó 38:4-41; Sl 65:9-13; 104:1-33). Isso significa que, quando os seres humanos prejudicam um aspecto da ordem criada, outras facetas podem sofrer consequências, às vezes irreversíveis. Diante do delicado equilíbrio com que Deus dotou Sua criação, temos o privilégio de nutri-la e mantê-la.

Deus nos deu livre-arbítrio. No sexto dia, coroando o trabalho da criação do ecossistema deste planeta, Deus trouxe Adão e Eva à existência, criando-os à “imagem” e “semelhança” divinas (Gn 1:26, 27; 2:21). Eles não somente foram dotados com racionalidade, consciência moral e habilidade para falar, mas também com capacidade para planejar, escolher e agir diferentemente. Deus também lhes comunicou os limites de sua liberdade e os advertiu sobre as consequências da desobediência (Gn 2:16). Ainda temos habilidade para raciocinar da causa para o efeito, fazer decisões e agir (Dt 30:15, 19; Jo 6:66, 67; Ap 3:20; 22:17). Algumas das escolhas que fazemos afetam nossos semelhantes, o ambiente natural e os organismos vivos (Is 24:4-6; Zc 11:1-3). Assim, somos responsáveis diante do Criador.

Deus confiou ao homem a administração do planeta. O relato da criação é claro: “Então disse Deus: ‘Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, so-

bre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a Terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão” (Gn 1:26). Então, Deus “colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo” (Gn 2:15). Essas afirmações sugerem três princípios: Primeiro, os recursos da criação foram disponibilizados para o sustento e bem-estar do ser humano. Segundo, o relacionamento do homem com a ecossfera devia ser de sensível cuidado e interesse (Dt 11:11-15; Pv 12:10; Os 2:18; Lc 13:15). Terceiro, os seres humanos deviam expandir o desabitado ecossistema para incluir todo o planeta: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a Terra!” (Gn 1:28).⁶

Como descendentes do primeiro casal, de nós é esperado cuidadoso gerenciamento, conforme nos foi confiado. Devemos fazê-lo sabiamente, transmitindo-o às futuras gerações.

A desobediência humana resultou em prejuízo para a ecossfera. Embora Deus houvesse criado um harmonioso *habitat* para Adão e Eva, cercando-os de belas criaturas, a desobediência deles resultou em dramática alteração do ambiente natural. Consequentemente, a paz interior, o relacionamento mútuo e o bem-estar do primeiro casal foram quebrados e o sofrimento atingiu todo o mundo criado (Gn 3:1-23). A lista de males é dolorosa: disfunção, sofrimento, doença, crueldade, predação, decadência e morte. Poucas gerações depois, a maldade humana levou Deus a permitir um Dilúvio global que eliminou a maioria dos organismos vivos e alterou drasticamente a superfície da Terra (Gn 6-8).

Porém, em seguida a esse massivo desastre, Deus estabeleceu um gracioso concerto com Noé, seus descendentes e as espécies de animais sobreviventes na arca (Gn 9:8-10). Assim, o que nós hoje observamos nos seres humanos e na natureza não reflete a criação original de Deus, mas uma realidade desfigurada.

Jesus Cristo veio ao mundo para redimir, educar e curar. Vinte séculos atrás, a segunda Pessoa da Divindade, que trouxe o mundo à existência (Jo 1:1-3, 14; Ef 3:9), veio à Terra como Homem para “buscar e salvar o que estava perdido” (Lc 19:10) e responder às necessidades humanas (Jo 5:17; 10:10). Ao tomar a natureza humana e viver na Terra, Jesus dignificou a criação. De fato, Ele nasceu em uma manjedoura, cercado por alguns animais originalmente criados por Ele, e esteve quarenta dias e noites no deserto cercado e protegido por animais (Lc 2:7, 8, 12, 16; Mc 1:13). Em Suas parábolas e ilustrações, Ele revelou compreensão do mundo natural, do qual extraiu lições espirituais (Lc 8:4-8; 15:3-6; 17:24; Mt 13:31, 32; Mt 24:32).

Jesus chamou a atenção para a delicada beleza dos lírios do campo e lembrou que nenhum pardal “cai no chão sem o consentimento do Pai” (Mt 10:29). Porém, disse que os seres humanos valem muito mais que as aves (Mt 6:26). Por meio de uma parábola e um milagre, Jesus também esclareceu que um agente maligno havia distorcido a harmonia original da criação (Mt 13:24-28). Assim Jesus Cristo nos modelou para interagir com nossos semelhantes e com o restante da criação.

Deus nos deu capacidade para estudar, utilizar e beneficiar a criação. Criados à imagem e semelhança do Criador, fomos dotados com habilidades para observar, planejar e agir em nosso ambiente (Gn 2:15, 19, 20). Os descendentes imediatos de Adão e Eva foram pastores, cultivavam o solo, fabricavam tendas, construíam cidades, compunham música e fabricavam ferramentas (Gn 4:2, 17, 20-22). Salomão conquistou renome por seu conhecimento da flora e fauna do seu tempo e lugar (1Rs 3:5-15; 4:29-34). Por meio de observação, testes e erros, a descendência do primeiro casal desenvolveu inovações tecnológicas, mecânicas e científicas, que caracterizam a civilização moderna.

Lamentavelmente, alguns desses avanços têm causado impacto negativo no ambiente. Assim, ao estudarmos e usar com responsabilidade os recursos naturais para atender as necessidades humanas e promover o desenvolvimento sustentável – aprimorando o bem-estar de homens e animais – estamos usando talentos concedidos por Deus para benefício de toda a criação.

Deus estabeleceu princípios de bem-estar em um mundo imperfeito. Ao primeiro casal, Ele indicou uma dieta tendo como base sementes e frutas: “Eis que lhes dou todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês.” Também os animais deviam se alimentar de vegetais (Gn 1:29, 30). Depois da queda, foram acrescentadas ervas à dieta humana (Gn 3:18, 19). Em seguida ao Dilúvio, Deus especificou tipos de animais, aves e peixes que poderiam compor a dieta do ser humano (Gn 9:3, 4; Lv 17:1-14). Depois, Ele determinou que a gordura devia ser removida da carne a ser comida (Lv 3:17; 11:1-47; Dt 14:3-20).

A Bíblia também recomenda simplicidade, regularidade e equilíbrio no comer e beber (Ec 10:17; Jo 6:10-13; 1Co 10:31), bem como uma atitude confiante no cuidado de Deus por nós (Mt 6:25-34). O contato com a natureza pode melhorar a saúde física e mental. A maneira pela qual tratamos nosso corpo é importante, porque Deus nos criou como unidades integrais (Lc 10:25-28; 1Ts 5:23; Hb 10:15, 16), habita em nós por meio de Seu Espírito, e através das nossas percepções cerebrais, Ele interage conosco (1Co 3:16, 17). Assim, Deus nos anima a seguir esses princípios e desfrutar seus benefícios.

Deus estabeleceu um dia semanal de repouso, restauração e memorial. Depois de haver completado Seu trabalho criador da Terra, Deus repousou no sétimo dia, não porque estivesse cansado, mas a fim de

prover uma pausa saudável no ciclo semanal para benefício de homens e animais (Gn 2:2, 3; Êx 20:8-11; 31:17). Isso ocorreu milhares de anos antes de Israel ter surgido como nação. Na verdade, Jesus declarou que esse dia foi designado para promover o bem-estar de homens e mulheres, independentemente de suas convicções religiosas (Mc 2:27), bem como de toda a criação. Acima de tudo, quando descansamos no sétimo dia, nos aproximamos do Criador e ampliamos nosso conhecimento dEle.

Deus restaurará o mundo. As condições atuais do planeta e seus habitantes não são as que originalmente foram preparadas e designadas pelo Criador. A Bíblia diz que “toda a natureza criada geme até agora” (Rm 8:22), e que nosso ambiente em decadência alcançará um ponto de retorno (Is 51:6; 2Pe 3:10-13). As Escrituras predizem um tempo futuro em que será restaurada a harmonia entre seres humanos e animais (Is 11:6-9), que terão a Nova Terra como sua morada (Ap 21:3-5). Este planeta passará a ser nosso *habitat*, por toda a eternidade, tão logo Deus recrie tudo o que foi estragado e destruído pela desobediência, pelo descuido e abuso dos seres humanos. Neste mundo imperfeito, tal expectativa nos dá esperança de um mundo melhor. ▀

Referências:

- ¹ Rachel Carson, *Silent Spring* (New York: Houghton Mifflin, 1962).
- ² Lynn White Jr., *Science 155*, nº 3767, 10/03/1967, www.zbi.eel/~kalevi/white/htm.
- ³ Douglas Groothuis, *Christian Apologetics: A Comprehensive Case for Biblical Faith* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2011), p. 113.
- ⁴ Andrew Hoffman e Lloyd E. Sandelands, *Organization & Environment* 18, nº 2, junho/2005, p. 141-162.
- ⁵ Richard Buckham, *Living With Other Creatures: Green Exegesis and Theology* (Waco, TX: Baylor University Press, 2011), p. 4, 5, 223.
- ⁶ A palavra original hebraica, *radah*, traduzida no verso 26 como “dominar”, também pode ser traduzida como “governar” ou “reinar”. No verso 28, a palavra original é *kabash*, que significa “manter em submissão”.
- ⁷ A mudança na dieta, depois do Dilúvio, aparentemente foi um fator na considerável redução do tempo de vida do ser humano, em relação às centenas de anos que eles viviam antes da catástrofe (Gn 5; 9:28, 29).

VOCÊ MERECE UM MOMENTO SUPERBOM

Contém Glúten

Espeto de carne vegetal com legumes

As proteínas vegetais Superbom, reúnem ingredientes de altíssima qualidade que proporcionam uma alimentação saudável e equilibrada.



0% Gordura Trans

Rico em Fibras

Zero Colesterol

À base de Soja

Vegetale

GELEIAS

Amend's

PROTEÍNAS CEVADA

Kroc

SUCOS INTEGRÁIS

Soy Good

MELVILLE

Frutt's

MELADO DE CANA

Glugs

Qualidade de vida é
Superbom

www.superbom.com.br



Compartilhe | SuperbomBR



“Que ninguém os engane”

O que está realmente em jogo na compreensão de quando e como Cristo virá pela segunda vez?

Cristãos que não conseguem entender como os judeus falharam em identificar Cristo como o Messias prometido têm pouca razão para alimentar sentimentos de superioridade. Mesmo antes da morte dos apóstolos, os cristãos primitivos interpretaram incorretamente as profecias sobre a segunda vinda de Jesus, e, ao longo dos séculos, muitos cristãos têm promovido grande

número de falsos conceitos a respeito desse tema. Neste artigo, analisamos brevemente as ideias mais proeminentes. Elas não são apresentadas como fatos históricos que devam ser simplesmente coletados e examinados com destaque acadêmico. Você está prestes a seguir a descrição de uma trilha de engano que tem na extremidade uma farsa mortal de magnitude cósmica. Então, prossiga em oração.



Primeiro século

Teólogos compreendem muito bem a queixa de Pedro sobre “nosso amado irmão Paulo”, o qual escreveu cartas que “contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem” (2Pe 3:15, 16). Nos cristãos tessalonicenses encontramos um bom exemplo de crença quanto ao tempo da segunda vinda de Cristo. Eles acharam que os eventos finais mencionados pelo apóstolo Paulo já haviam chegado, e assim esperavam que a segunda vinda de Jesus ocorresse em seus dias. De fato, alguns citavam palavras de Paulo “como se o dia do Senhor já tivesse chegado” (2Ts 2:2). Para evidenciar isso, alguns partilhavam supostas revelações dadas pelo Espírito Santo; outros faziam circular uma carta imaginariamente escrita por Paulo, a fim

de confirmar as visões deles.¹ Com isso em mente, é bastante nos referirmos aos eventos que precederam 1844, para imaginar os resultados!

A confusão entre os tessalonicenses obrigou o apóstolo a esclarecer o que ele realmente quis dizer. Na segunda carta, ele escreveu: “Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição. Este se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, chegando até a assentar-se no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus. Não se lembram de que quando eu ainda estava com vocês costumava lhes falar essas coisas?” (2Ts 2:3-5).

Terceiro século

Orígenes, famoso teólogo, é mais conhecido pela maioria dos adventistas por causa das teorias que desenvolveu sobre a adoração no domingo, do que por seu conceito espiritualizado da segunda vinda de Jesus. A vinda de Cristo, ele ensinou, ocorre quando o próprio Cristo entra na alma do cristão, unindo assim, o fiel com Ele mesmo. A iluminação do cristão, por intermédio dos escritos dos profetas e apóstolos, é a segunda vinda de Cristo. Segundo Orígenes, é nesse sentido que o cristão entra no reino de Deus.² Essa espiritualização teológica contaminou sua compreensão geral das Escrituras Sagradas. Ele acreditava que a Palavra de Deus tinha três partes: corpo, alma e espírito. Cada parte representava um nível diferente de interpretação. O significado literal estava relacionado ao corpo. A alma das Escrituras constituía seu ensino moral. O terceiro nível, o qual somente os “perfeitos” podiam compreender, eram os ensinamentos espirituais da Bíblia.³

Assim, Orígenes falava sobre a segunda vinda de Cristo nas “nu-

vens proféticas”. Sobre o fim dos tempos, ele ensinava como sendo a crucificação do mundo no coração dos cristãos, significando que, para esses, o mundo estava morto.⁴ Isso nos faz lembrar que a maneira pela qual alguém interpreta a Bíblia é muito importante.

Quinto século

A compreensão de Agostinho sobre a segunda vinda de Jesus Cristo influenciou a igreja cristã durante séculos. Sendo um dos pais da igreja latina, ele acreditava que a segunda vinda de Jesus ocorre quando Ele entra no coração de quem O aceita. Porém, Agostinho não excluía, como fazia Orígenes, a vinda literal de Cristo. Ele ensinava que o reino milenar de Cristo começou quando Ele esteve aqui e continuaria por mil anos antes da segunda vinda. Agostinho acreditava que esse evento ocorre pouco a pouco e em partes, por meio da presença de Cristo na igreja. Quando a igreja toda estiver plena de Sua presença física, então Ele virá pessoalmente.⁵

Pouco tempo antes de Agostinho, o Império Romano, sob Constantino, havia se tornado nominalmente cristão. Assim, o império não mais era a sede do mal, que ainda reinava no coração dos pagãos. Segundo afirmava Agostinho, eles constituíam o abismo milenar que, de acordo com o livro de Apocalipse, é atribuído a Satanás. Nesse sentido, a grande controvérsia entre o bem e o mal passa a ser entre a “cidade de Deus” e a “cidade do diabo”.⁶

Os eleitos compõem a cidade de Deus, e a igreja é o reino dos Céus, habitada pelos santos. Entretanto, a cidade de Deus – visível e organizada hierarquicamente – deve governar mais e mais o mundo. Esse *status* é alcançado por intermédio da íntima relação da igreja com um Estado cristão, o qual deve promover a

verdadeira adoração a Deus pela punição e supressão da heresia. Assim, a cidade de Deus irá superar a cidade do diabo.⁷ Com algumas modificações, essa é ainda a compreensão de muitos católicos até hoje.

Século quinze

Até a Reforma, ninguém havia desafiado a associação do milênio e da segunda vinda de Cristo com o triunfo da igreja romana, feita por Agostinho. A Reforma trouxe não somente a mudança na doutrina da salvação, ao enfatizar a justificação pela fé, mas também possibilitou um reestudo da segunda vinda de Cristo. Lutero e Calvino enfatizavam que os cristãos devem abreviar esse evento e se preparar para ele. Contudo, Lutero, mesmo observando na Europa ocorrências que ele entendia como sinais do fim, várias vezes disse que a segunda vinda de Cristo ainda demoraria cem, duzentos ou trezentos anos.⁸

Por outro lado, Calvino simplesmente admoestou os cristãos a que vigiassem e estivessem prontos. Longe de equiparar a Igreja Católica Romana com o Reino de Deus na Terra, ambos acreditavam que o papa era o anticristo. Ambos afirmavam que a batalha final entre a igreja verdadeira e a falsa, ora iniciada, culminaria com a segunda vinda de Jesus.⁹

Século dezoito

Quando Timothy Dwight, presidente da Universidade de Yale, pregou seu sermão no dia 4 de julho de 1978, falou entusiasticamente da vinda de Cristo como estando às portas. Entretanto, o que ele tinha em mente não era um advento literal, como alguns têm afirmado. Na verdade, ele previa um advento espiritual, à semelhança do que havia sido popularizado por Daniel Whittby, comentarista inglês. Sua teoria era a seguinte: Antes do segundo advento, o mundo seria convertido pelo poder do Espírito Santo e os mil anos de paz, culminariam com a vinda pessoal de Jesus.¹⁰ Whittby desconsi-

derou que Jesus não havia dito que o mundo todo se converteria antes de Sua vinda; mas que o evangelho do Reino é que seria pregado no mundo todo para testemunho a todas as nações; então, viria o fim. Porém, na época em que o sermão de Dwight foi apresentado, o conceito de um milênio temporal havia sido adotado pela maioria dos pastores evangélicos. Essa “espiritualização” da segunda vinda de Jesus causou profundo impacto na igreja protestante.

Antecipando mil anos de justiça

“Teorias contraditórias sobre a vinda de Jesus nos motivam a intensificar nossa pregação e nosso ensino sobre a bendita esperança cristã”

e paz, a maioria dos membros não mais via como iminente a segunda vinda de Jesus.¹¹ A correção doutrinária veio de uma fonte jamais imaginada – Manoel Lacunza, sacerdote e missionário jesuíta. Lacunza escreveu um livro intitulado *The Coming of the Messiah in Glory and Majesty* [A Vinda do Messias em Glória e Majestade], no qual afirmou que Cristo viria no início do milênio. Seus escritos despertaram muitos para a iminente e literal vinda de Cristo e motivaram o reestudo das profecias, incluindo os 2.300 dias proféticos de Daniel 8:14, o que também foi o tema da pregação de Guilherme Miller.

Os mileritas, bem como outros pré-milenialistas, acreditavam que o Reino de Cristo seria estabelecido na Terra. Entretanto, eles diferiam na crença de que o tempo de prova seria encerrado primeiro, e que somente os redimidos habitariam a Terra durante os mil anos. Porém, os adventistas do sétimo dia logo definiram que os santos estariam no Céu durante o milênio, com duas ressurreições gerais marcando o início e o fim desse período. Os justos ressuscitariam na

primeira e os ímpios ressuscitariam na segunda. Posteriormente, enfrentariam as consequências de seus pecados, antes de o Senhor criar novos céus e nova Terra.

Século vinte

Com o novo século, vieram também novos e mais sofisticados ataques às Escrituras. Já na metade do século 19, a abordagem da Alta Crítica à Bíblia havia começado a exercer impacto no mundo teológico. Em 1900, aproximadamente, havia causado impacto devastador na doutrina da segunda vinda de Cristo. Exemplo disso são os escritos de Albert Schweitzer, famoso músico, teólogo e físico, e seu influente trabalho *The Quest of the Historical Jesus* [A Procura do Jesus Histórico], publicado primeiramente em 1906. Ele restringia a chegada do Reino dos Céus somente à época de Cristo. Por meio de Sua pregação, por intermédio de Seus discípulos e, finalmente por Seu próprio sacrifício, ensinava Schweitzer, Jesus procurou estabelecer o Reino de Deus. Sendo que nenhuma dessas tentativas alcançou sucesso, Jesus morreu como um homem desiludido. Essa abordagem da *parousia*, centralizada apenas no passado, é chamada de “Escatologia Consistente”.

Reagindo à interpretação de Schweitzer, o teólogo C. H. Dodd propôs a “Escatologia Realizada”, fundamentada em textos bíblicos que enfatizam que o Reino de Deus já veio. Ele quis demonstrar que Jesus não falhou e o Reino de Deus já está presente. O ministério de Cristo é uma realidade atemporal e bem-sucedida. O Reino está aqui. Devemos apenas decidir aceitá-lo.¹²

Um terceiro exemplo de interpretação errônea das Escrituras é a chamada “Escatologia Inaugurada”, proposta por J. A. Robinson, aluno de Dodd. Robinson via a *parousia* de Jesus acontecendo sempre que Ele Se manifestasse em amor e poder, mostrando sinais de Sua presença. Inaugurada pela morte e ressurreição

de Jesus, essa nova fase do Reino de Deus ainda está para ser completamente concluída. Entretanto, já estamos vivendo a antecipação do que será realizado. Assim, Robinson colocou a ênfase da segunda vinda de Cristo no futuro, não sobre a vinda iminente e literal naqueles dias.

Hoje, o Rapto Secreto, ou arrebatamento, é um ensinamento comum entre os evangélicos, tendo como base particularmente a má compreensão de passagens como Mateus 24:40-44 e 1 Tessalonicenses 4:13-18. A expressão usada por Mateus: “um será levado e outro deixado”, e a de Paulo na carta aos tessalonicenses: “seremos arrebatados com eles nas nuvens” são interpretadas como significando que os santos serão arrebatados secretamente, num evento que pode ter lugar a qualquer momento, desde que estejamos vivendo no tempo do fim.

Século vinte e um

Não somente o ensino do Arrebatamento Secreto, mas também as crenças fundamentais das teorias do segundo advento mencionadas aqui, de alguma forma, estão em moda nos dias atuais. Na ênfase sobre “o Cristo dentro de nós”, preconizado pelo Movimento Nova Era, podemos detectar elementos da teoria iluminista espiritual de Orígenes.¹³ A igreja católica não tem descartado a teoria segundo a qual o mundo se tornará católico antes da segunda vinda de Jesus. A alta crítica continua idealizando a segunda vinda dentro de uma moldura não bíblica. A comunidade evangélica alimenta a ideia “whitbiana” da esperada era duradoura de mil anos de paz, onde as espadas serão transformadas em foices, e o leão se deitará com o cordeiro.

Seria realmente Cristo?

Ao ensinar sobre a segunda vida de Jesus, numa classe de novos conversos, na Escola Sabatina, certo professor tentou ensinar uma contrafação da segunda vinda e daquele que personificará Cristo. Inicialmente,

mencionou o diálogo entre Jesus e os discípulos, quando esses perguntaram ao Mestre: “Dize-nos quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da Tua vinda e do fim dos tempos?” O Mestre respondeu: “Cuidado, que ninguém os engane” (Mt 24:1-4). Depois o professor citou Paulo: “pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz” (2Co 11:14). “Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição. Este se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, chegando até a assentar-se no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus. Não se lembram de que quando eu ainda estava com vocês costumava lhes falar essas coisas?” (2Ts 2:3-5).

“Quando Jesus vier pela segunda vez”, continuou o professor em sua encenada contrafação, citando a Bíblia: ‘o próprio Senhor descerá dos Céus e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre. Consolem-se uns aos outros com essas palavras’ (1Ts 4:16-18). Citando Apocalipse 20 a 22, ainda no contexto da ficção que ele havia elaborado, o professor ensinou: ‘Isso ocorrerá depois do milênio, quando Deus estabelecer Seu reino eterno na Terra restaurada’.

“Tudo na Terra parece estar espiralando dentro de um buraco negro de inimagináveis trevas e terror. Moedas internacionais são inúteis. Guerra e doença estão convulsionando continentes inteiros. Então, quando o extermínio da humanidade parece iminente, um ser grande e brilhante aparece nas capitais da Terra. A glória que o cerca supera os mais selvagens alcances da imaginação, e os líderes das nações caem de joelhos diante dele. Em poucas horas, emissoras de televisão transmitem as cenas ao redor do mundo, e de cada canto da

Terra ressoa um brado de triunfo: ‘Cristo voltou! Cristo voltou!...’

“Durante as semanas seguintes, o visitante da Terra promete uma nova ordem das coisas, a reconstrução de uma sociedade na qual não haverá mais injustiça, pobreza, doença nem morte. De seus lábios saem palavras do Sermão do Monte, palavras que milhões e milhões de cristãos memorizaram nas classes dominicais. E, à semelhança de uma pequenina criança, o mundo se deleita”, descreveu o professor concluindo a encenação.

Acaso, será assim? Será esse o verdadeiro Cristo? Evidentemente, não! Será que ainda precisamos perguntar a nós mesmos por que é tão importante para nós, não apenas crer na segunda vinda de Cristo, mas também compreender os acontecimentos relacionados a ela? Acaso, precisamos de mais fortes argumentos que nos motivem a intensificar nossa pregação e nosso ensino sobre a bendita esperança da vinda de Jesus? ▀

Referências:

- ¹ W. J. Conybeare e J. S. Howson, *The Life and Epistles of St. Paul* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1957) p. 315.
- ² Norskov V. Olsen, ed., *The Advent Hope in Scripture and History* (Washington, DC: Review and Herald, 1987), p. 78.
- ³ Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation* (Boston: W. A. Company, 1956), p. 32, 33. Ver também *The Oxford Dictionary of the Christian Church* (Londres: Oxford University Press, 1958), p. 991-993.
- ⁴ Le Roy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers* (Washington, DC: Review and Herald, 1950), v. 1, p. 315-318.
- ⁵ Norskov Olsen, *Op. Cit.*, p. 87.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ Williston Walker, *A History of the Christian Church* (Edinburgh: T & T Clark, 1959), p. 167. Ver também Le Roy Edwin Froom, *Op. Cit.*, v. 1, p. 479-491; *Oxford Dictionary of the Christian Church*, p. 106-108.
- ⁸ Don F. Neufeld e Julia Neuffer, ed., *Seventh-day Adventist Bible Student's Source Book* (Washington, DC: Review and Herald, 1962), p. 919, 920. Ver também Le Roy Edwin Froom, *Op. Cit.*, v. 2, p. 278.
- ⁹ Norskov V. Olsen, *Op. Cit.*, p. 115-117.
- ¹⁰ Le Roy Edwin Froom, *Op. Cit.*, v. 2, p. 651.
- ¹¹ R. W. Schwarz, *Light Bearers to the Remnant* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing, 1979), p. 654.
- ¹² *Ibid.*, p. 26, 27.
- ¹³ Jack J. Blanco, “Mysticism's New Challenge to Adventist Christians”, *Adventist Perspectives* v. 2, nº 3 (1988), p. 27-34.

PARA OS VISITANTES, O MELHOR

Pesquisando algumas igrejas e perguntando aos membros sobre a razão da força delas, ouvi como resposta: “Somos uma igreja amistosa.” Porém, ao fazer a mesma pergunta entre os visitantes daquelas igrejas, a resposta foi contrária a isso.

Pessoas que assistem à igreja regularmente veem a questão da amizade de dentro para fora. Ou seja, da perspectiva delas, elas experimentam um ambiente de amizade. Visitantes veem a questão de fora para dentro, isto é, se suas necessidades foram notadas ou tratadas.

De início, devemos dizer que todos os membros são responsáveis pelo acolhimento dos visitantes. Porém, o que mais frequentemente acontece? Talvez o acolhimento não ocorra. Os membros da igreja facilmente se acomodam com a mentalidade de que formam uma comunidade amigável, portanto, alguém receberá bem os visitantes. Na tentativa de ajudar a evitar desgastes, oferecemos aqui algumas sugestões práticas que têm feito diferença em muitas igrejas.

1 – A MELHOR ATITUDE

Os visitantes precisam notar uma prevalecente atitude de amizade. A maioria deles formará uma opinião sobre a igreja, trinta segundos depois de transpor a porta de entrada.

2 – A MELHOR COMUNICAÇÃO

Sempre que visito igrejas, fico em algum lugar do edifício para ver quantas pessoas falarão comigo. Muitas vezes, algumas passam e me ignoram completamente. Se isso acontece em sua igreja, seus visitantes se sentirão invisíveis. Instrua os membros para que, sempre que eles vejam uma pessoa, pelo menos digam: “Oi!”

3 – O MELHOR SERVIÇO

Recentemente, visitei uma igreja e, assim que me viu, uma senhora me cumprimentou perguntando se aquela era a primeira vez em que eu os visitava. Diante de minha resposta positiva, ela se apresentou, perguntou meu nome e me acompanhou até a recepção. Ali, fui apresentado à recepcionista, que imediatamente me ofereceu ajuda e informação sobre dependências importantes do templo, como banheiro e santuário.

Se você deseja ter uma igreja amistosa, sugiro estes três princípios:

- Aproxime-se prontamente dos visitantes.
- Ofereça ajuda e informação.
- Apresente-o pelo nome a outras pessoas.

4 – AS MELHORES BOAS-VINDAS

Em uma igreja, para meu espanto, o pastor pediu que os visitantes se levantassem e se apresentassem. Isso foi embaraçoso para muitos deles. Estudos mostram que 72% das pessoas se sentem desconfortáveis com essa prática. Ela pode parecer uma boa coisa, mas seja cuidadoso apresenta os visitantes. Esteja sempre atento para não embaraçá-los.

5 – A MELHOR VAGA NO ESTACIONAMENTO

Geralmente, as pessoas dirigem por alguns minutos até que encontrem vaga para estacionar o carro. Quanto mais difícil seja encontrar uma vaga, mais tempo ficarão rodando. Caso sua igreja tenha estacionamento, reserve para os visitantes aproximadamente 5% das vagas.

6 – OS MELHORES ASSENTOS

As pessoas gostam de liberdade. Por isso, ao chegar à igreja, os visitantes preferem sentar onde se sintam à vontade. Alguns preferem a galeria, o corredor lateral ou a parte traseira do santuário. Reserve lugares nessas áreas, e não os force a ficar onde você acha que eles devem ficar.

7 – O MELHOR TEMPO

Ao terminar o culto em uma igreja, o pastor disse aos ouvintes: “Lembrem-se da regra de cinco minutos!” Depois, fiquei sabendo que os membros daquela igreja haviam sido instruídos a interagir com os visitantes durante os primeiros cinco minutos depois do culto. Essa é uma ótima sugestão que deve ser experimentada. Permita que os visitantes de sua igreja digam: “Esta é uma igreja amistosa.”



2014

CALENDÁRIO MISSIONÁRIO

“A Única Esperança” Evangelismo da Amizade Comunhão – Relacionamento – Missão

13-22 de fevereiro

Dez dias de oração, concluindo com dez horas de jejum e oração, no dia 22, na igreja.

12-20 de abril

Dia dos Amigos da Esperança (12/04) e evangelismo da Semana Santa (13-24/04, iniciando nos pequenos grupos e terminando na igreja).

19 e 20 de abril

Batismo das Primícias.

31 de maio

Impacto Esperança, distribuição do livro A Única Esperança.

09 de agosto

Dia da multiplicação dos pequenos grupos.

27 e 28 de setembro

Batismo da Primavera.

15-22 de novembro

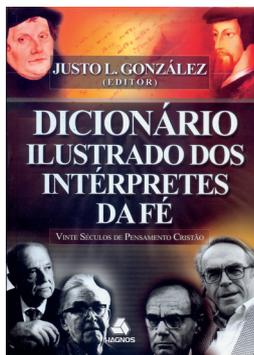
Evangelismo via satélite, em espanhol.

22-29 de novembro

Evangelismo via satélite, em português.

DICIONÁRIO ILUSTRADO DOS INTÉRPRETES DA FÉ

Justo L. González (editor), Editora Hagnos, São Paulo, SP, e-mail hagnos@hagnos.com.br, 699 páginas.



Este livro apresenta um do resumo dos conceitos defendidos por vários autores e pensadores da teologia cristã, em diversas épocas da História e em várias partes do mundo, ao longo de vinte séculos de pensamento cristão. De acordo com o editor, “parte do propósito dos autores e editores, ao preparar este dicionário, foi mostrar que o cristianismo

é muito mais amplo do que frequentemente imaginamos. Por isso incluímos autores e pensadores de todas as épocas, de todas as confissões cristãs e de todos os continentes”. Trata-se de ótima fonte de pesquisa e informação.

A ESPIRAL HERMENÊUTICA

Grant R. Osborne, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, www.vidanova.com.br, 767 páginas.



Neste livro, o autor aprofunda questões de extrema relevância para a hermenêutica tais como: contexto histórico, padrões de retórica, análise gramatical, semântica e exegética, gêneros literários, entre outras, indispensáveis para a correta interpretação do texto bíblico. *A Espiral Hermeneutica* é uma obra comprometida com a pregação

da Palavra. Osborn dedica dois capítulos do livro a mostrar passo a passo como preparar um sermão que, começando com a exegese, leva em conta todas as etapas da hermenêutica.

COMPLETANDO AS AFLIÇÕES DE CRISTO

John Pieper, Shedd Publicações, São Paulo, SP, tel.: (11) 3577-0177, sheddpublicacoes@uol.com.br, 144 páginas.

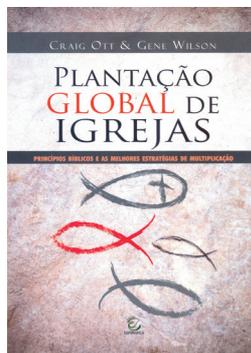


William Tyndale, Adoniram Judson e John Paton foram embaixadores fiéis do Senhor que enfrentaram aflições momentâneas e a morte, diariamente, para alcançar pessoas e encaminhá-las à salvação de Deus. A vida deles tem inspirado todas as gerações de crentes e deve despertar em nós uma grande paixão por Deus.

Este livro é uma oportunidade para se obter um pouco mais de inspiração da experiência daqueles homens.

PLANTAÇÃO GLOBAL DE IGREJAS

Craig Ott e Gene Wilson, Editora Evangélica Esperança, Curitiba, PR, tel.: (41) 3022-3390, comercial@esperanca-editora.com.br, 447 páginas.



Excelente recurso para executar o que tem sido considerado “o empreendimento mais urgente da humanidade”, ou seja, a expansão do Reino de Deus nesta Terra. Este é um livro fundamentado em pesquisas, bíblicamente ancorado e habilidosamente apresentado, que deve ser lido não apenas por todos os que pensam em plantar uma igreja, mas por toda pessoa

que ocupe função de liderança eclesial.



Carlos A. Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

A motivação certa

Chegamos ao fim de mais um ano cheio de lutas e vitórias. É tempo de avaliação. Não de uma avaliação mesquinha, concentrada apenas nas fichas de batismos. É tempo de agradecer a Deus pelos perdidos que, guiados por Seu Espírito, pudemos alcançar.

Quando Jesus nos ordena a ir e fazer discípulos de todas as nações, não promete que a tarefa será fácil ou simples, mas que teremos Sua companhia. No Salmo 126:6, lemos: “Aquele que sai chorando enquanto lança a semente, voltará com cantos de alegria, trazendo os seus feixes.” Isso implica esforço. Paulo afirmou que se esforçava para “pregar o evangelho” (Rm 15:20), como resultado da paixão missionária que o envolvia: “Quando prego o evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Co 9:16).

A esta altura, devemos perguntar a nós mesmos se também sentimos essa paixão. Faz algumas semanas, um colega me disse que sentia haver uma pressão muito grande por batismos. Acrescentou que os pastores são pressionados pela liderança a alcançar seus alvos.

Fiquei pensando nesse comentário e perguntei a mim mesmo: “Acaso essa pressão vem de fora ou de dentro?”

Creio que o pastor apaixonado por Deus e pela salvação de pessoas não está preocupado com eventuais pressões externas, mas, à semelhança de Paulo, sente a pressão interior, mais poderosa que a externa, e não pode deixar de anunciar a mensagem de esperança.

Precisamos ter bem clara em nossa mente qual é nossa verdadeira motivação: Paixão pela salvação dos perdidos, ou paixão pela promoção? Sentir paixão pelos perdidos é ter consciência de que se trabalha para Jesus. É dar prioridade às pessoas pelas quais Ele deu a vida, vendo-as como seres humanos, não como dados estatísticos. É respeitar e seguir as orientações dos líderes. É não se contentar apenas com o número de batismos.

É trabalhar com alegria, esperando a coroa da vida, que será entregue por Cristo.

Paixão pela promoção é trabalhar para agradar homens, desejando ser bem visto por eles. É competir com colegas, em busca da primazia. É preocupar-se apenas em preencher fichas de batismos, priorizando números. É esperar a recompensa dos homens, na forma de indicação para alguma função de “destaque” ou igreja mais “expressiva”. É se deixar levar pelas pressões.

Se não temos a motivação certa, a tarefa se torna extremamente difícil. Por outro lado, “Como são belos os pés dos que anunciam boas-novas!” (Rm 10:15; cf. Is 52:7). Reflita sobre estas afirmações de Ellen G. White:

“Não há constrangimento na obra da redenção. Não se exerce nenhuma força externa. Sob a influência do Espírito de Deus, o homem é deixado livre para escolher a quem há de servir. Na mudança que ocorre quando a

pessoa se entrega a Cristo, há o mais alto senso de liberdade” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 466).

“Não é o temor do castigo, nem a esperança da recompensa eterna, que leva os discípulos de Cristo a segui-Lo.

Contemplam o incomparável amor do Salvador revelado em Sua peregrinação na Terra, da manjedoura de Belém à cruz do Calvário, e essa visão dEle atrai, abrandando e subjuga o coração. O amor desperta na alma dos que O contemplam. Ouvem-Lhe a voz e O seguem” (Ibid., p. 480).

“A pessoa redimida e purificada do pecado, com todas as suas nobres faculdades consagradas ao serviço de Deus, é de inextinguível valor; e há alegria no Céu, na presença de Deus e dos santos anjos, sobre uma pessoa resgatada – alegria que se expressa em cânticos de santo triunfo” (*Caminho a Cristo*, p. 126).

No trabalho pela salvação dos perdidos, qual é a nossa motivação? Neste fim de ano, relataremos apenas números, ou louvaremos a Deus pelo resgate de pessoas, seres humanos pelos quais Ele deu a própria vida? ■

“Sentir paixão pelos perdidos é ter consciência de que se trabalha para Jesus. Paixão pela promoção é trabalhar para agradar homens”



Imagem: Fotolia

**Não perca o evento que
vai facilitar sua vida!
Preços acessíveis e
produtos de qualidade.**

Ligue: 0800-9790606 ou acesse: CPB.COM.BR

  /casapublicadora

